



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**CIBERFEMINISMO NO INSTAGRAM:
CAMINHOS PARA O RECONHECIMENTO DE VIOLÊNCIAS EM
RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

ISABELLE KAROLINE MELO DA COSTA

Brasília – DF

2022

ISABELLE KAROLINE MELO DA COSTA

**CIBERFEMINISMO NO INSTAGRAM:
CAMINHOS PARA O RECONHECIMENTO DE VIOLÊNCIAS EM
RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Andrea Cristina Versuti.

Brasília – DF

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Kc Karoline Melo da Costa, Isabelle
CIBERFEMINISMO NO INSTAGRAM: CAMINHOS PARA O
RECONHECIMENTO DE VIOLÊNCIAS EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS /
Isabelle Karoline Melo da Costa; orientador Andrea Cristina
Versuti. -- Brasília, 2022.
69 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2022.

1. Instagram. 2. Feminismo. 3. Violências. 4.
Relacionamento abusivo. 5. Educação. I. Cristina Versuti,
Andrea, orient. II. Título.

Dedico este trabalho à minha família e a todas as meninas e mulheres, que de alguma forma me inspiraram a ser educadora, a pesquisar sobre o feminismo e a continuar lutando.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha mãe Cynthia, que é o meu maior exemplo de feminista mesmo sem saber, fez tudo que pôde para me criar sozinha, passou por momentos árduos, mas nunca desistiu, me ensinando a ser uma mulher forte, independente, estudiosa e a conquistar tudo que eu sempre quis sozinha. Mãe, tudo que eu sou hoje é por mérito seu, obrigada por me segurar todas as vezes que eu quis cair e por abraçar todos os meus sonhos e planos.

Agradeço à minha família, em especial ao meu tio Marcos e à minha avó Fátima, que sempre me instigaram a estudar e a ser uma pessoa melhor, a presença e a torcida de vocês na minha vida fizeram toda a diferença para que eu pudesse chegar onde estou hoje. Agradeço também à Luanna, que me auxiliou todas as vezes que precisei, puxou minha orelha quando devia e sempre esteve ao meu lado para me apoiar e me incentivar nos estudos.

Agradeço à minha segunda família, que ingressei já aos vinte anos, meu muito obrigada à Família Oliveira, que me adotou como uma segunda filha e se mantiveram ao meu lado em todos os momentos, vocês são muito importantes para mim.

Agradeço aos meus parentes do coração Lucinda e Roberto, que mesmo sem relação sanguínea, são uma parte significativa da minha vida, tendo o privilégio de compartilhar um pouco da vida e dividir os anseios.

Agradeço também aos meus amigos que tornaram essa jornada mais leve, Olívia Fernandes, Alice Nunes, Rafael Saldanha, João Saraiva, João Meira, Renan Mendonça, Luca Ramalho, Rennan Leite e Márcio Coelho, sem vocês a vida não seria tão boa e tão recheada de fofocas, sinucas, comidas e jogos de tabuleiro.

Agradeço aos meus colegas da Unindústria, vocês me tornaram uma pessoa e uma profissional melhor, obrigada por instigarem o máximo de mim e me ajudarem a enxergar a educação corporativa e a distância de forma tão radiante e com um olhar tão apaixonado pela educação. Deixo um agradecimento especial para a minha gerente, Deusa Ramos e a secretaria de cursos, Rita Silva, Anderson Lima, Taílla Chagas, Virgínia Viana e minha gestora Renata Coimbra, vocês tornaram os meus dois anos de estágio melhores, obrigada por acreditarem em mim e me ensinarem tanto.

Agradeço também aos meus professores da Faculdade de Educação que me ensinaram e contribuíram para a construção de uma pedagoga mais humana e atenta às questões de gênero, em especial à minha querida orientadora Andrea Versuti, que me adotou, me acolheu nos piores

momentos, topou minhas ideias, acreditou em mim e no meu trabalho e me abriu os olhos para as possibilidades de pesquisar o ciberativismo.

Agradeço à minha querida banca examinadora, Gina Vieira, que desde a minha primeira semana de aula, no meu primeiro semestre na Universidade de Brasília, me inspirou e continua me inspirando a ensinar sobre uma educação para os direitos femininos e à Lygianne Batista que aceitou ler este trabalho e participar da minha banca sem sequer me conhecer antes. Ter mulheres inspiradoras como parte da minha banca de defesa, enriquecem a discussão deste trabalho, obrigada por aceitarem esse desafio de coração aberto.

Por fim, agradeço a mim mesma por não ter desistido, por ter tido a força e a resiliência de me manter firme diante de todas as violências nas quais fui exposta e principalmente, por ter tido a coragem de continuar lutando por outras meninas e mulheres.

*“Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for,
mesmo quando as correntes dela forem muito
diferentes das minhas”.*

(Audre Lorde)

RESUMO

O presente trabalho objetivou refletir acerca da influência do contexto digital ciberfeminista nas relações entre meninas e mulheres vítimas de relacionamentos abusivos e, conseqüentemente, das violências que os cercam. Foi escolhido como lócus da pesquisa a rede social *Instagram*, devido à sua importância a nível global. Segundo o Relatório de Visão Geral Global Digital (2022), o *Instagram* é a segunda rede social mais utilizada pelos sujeitos culturais no mundo. A metodologia utilizada foi a de análise exploratória, os perfis selecionados deveriam ter como obrigatoriedade, mais de 50 mil seguidores, serem ativos no *Instagram* e diversos entre si. Neste estudo, foram analisados seis materiais digitais, dois de cada perfil selecionado, para relacionar os temas ao comportamento dos seguidores. Os resultados obtidos com a análise qualitativa das postagens nos revelam modos saudáveis de experienciar as redes sociais e de educar para os direitos das mulheres, especialmente no que se refere ao suporte e empoderamento feminino, incitando a criação de uma rede (invisível) de apoio. Portanto, é preciso investigar as relações positivas da tecnologia em conjunto com o auxílio às vítimas de violências oriundas de relações abusivas, como uma possibilidade de contribuir para uma educação atenta aos direitos femininos.

Palavras-chave: Instagram. Feminismo. Violências. Relacionamento abusivo. Educação.

ABSTRACT

The present work days aims to reflect around the influence of the digital context cyberfeminist in relationships between girls and women victims of abusive relationships and, consequently, from the violence that exists around it. Has been choose as locus for the research the social network *Instagram*, because of it matters in a global level. According the Second General Global Digital Report (2022), the *Instagram* is the second most used social network by the cultural subjects in the world. The used methodology was exploratory analysis. The selected profiles should have as an obligation, more than fifty Thousand followers and be active on *Instagram*. Between themselves, were analysed six digital materials, two of each selected profile, to relate the themes to the followers behavior. The obtained results with the qualitative analysis of the posts revel us healthy ways to experience social networks and to educated for women's rights, especially regarding to support and female empowerment, inciting a creation of a network (invisible) of support. Accordingly, it's necessary investigate the technology positive results alongside with the help for abusive relationships victims, as a possibility to contribute to an attentive to female's rights education.

Keywords: Instagram. Feminism. Violences. Abusive Relationships. Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Teste de Bechdel	28
Figura 2 - Minha esposa se juntou ao movimento sufragista e eu sofro desde então.....	29
Figura 3 - Eu gostaria de ser solteiro de novo	29
Figura 4 - Boas feministas	30
Figura 5 - Bom feminismo	31
Figura 6 - Bom feminismo	31
Figura 7 - Inteligência da mulher	32
Figura 8 - Página inicial do Instagram	38
Figura 9 - Página inicial do perfil @arquivosfeministas no Instagram	42
Figura 10 - Página inicial do perfil @genipapos no Instagram	43
Figura 11 - Página inicial do perfil @vulvanegra no Instagram.....	44
Figura 12 - Postagem sobre relacionamento abusivo	47
Figura 13 - Postagem sobre relações abusivas não monogâmicas	49
Figura 14 - Postagem sobre mulheres negras & relacionamentos abusivos	50
Figura 15 - Postagem sobre violência sexual	52
Figura 16 - Postagem sobre violências e o merecimento	54
Figura 17 - Postagem sobre a violência sexual e a pedofilia	55

SUMÁRIO

MEMORIAL	12
INTRODUÇÃO	16
1. ENTENDENDO O FEMINISMO	20
1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	20
1.2 A HISTÓRIA DO FEMINISMO	20
1.3 FEMINISMO NO BRASIL, VERTENTES E LUTAS	22
1.4 REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS MÍDIAS TRADICIONAIS <i>VERSUS</i> REPRESENTAÇÕES NO CONTEXTO DIGITAL	27
1.5 CIBERESPAÇO, CIBERCULTURA E CIBERFEMINISMO	34
2. CIBERFEMINISMO A PARTIR DA ANÁLISE DE PERFIS NO INSTAGRAM	36
2.1 - A ESCOLHA DA REDE SOCIAL.....	36
2.2 – JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA DOS PERFIS	40
2.3 – DESCRIÇÃO DO LINK DOS PERFIS ANALIADOS COM BASE NO TEMA ESCOLHIDO.....	42
3. ANÁLISE DAS POSTAGENS DOS PERFIS	46
3.1 – RELACIONAMENTOS ABUSIVOS	46
3.1.1 @arquivosfeministas.....	47
3.1.2 @genipapos.....	48
3.1.3 @vulvanegra.....	50
3.2 - VIOLÊNCIAS	51
3.2.1 @arquivosfeministas.....	52
3.2.2 @genipapos.....	53
3.2.3 @vulvanegra.....	54
3.3 – CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	56
3.3.1 - Análise das postagens referentes aos relacionamentos abusivos.....	56
3.3.2 - Análise das postagens referentes às violências	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66

MEMORIAL

Nasci em uma sexta-feira às 14:25 no dia 25 de fevereiro de 2000 no hospital Pronto-Norte, em Brasília. Filha de mãe solo, aprendi desde o início da vida a ser independente e forte e devo tudo que sou a ela, aos meus avós e ao meu tio, que sempre acreditaram em mim, torceram pela minha felicidade e fizeram tudo para que eu chegasse até onde estou hoje.

Entreí no CEIC (Centro Educacional Infantil da Candangolândia) aos 3 anos de idade e cumpri todo o ensino infantil nessa escola. Sempre gostei muito de ir à escola, por lá brinquei, cantei, dancei, aprendi a desenhar, tracei as primeiras letras do alfabeto, fiz amizades e vivi uma infância feliz e tranquila.

Aos 7 anos, entreí no ensino fundamental e fiz da 1ª a 4ª série na Escola Classe 2, mais conhecida como Zoobotânica, e foi lá que eu me apaixonei pela educação. Aprendi a ler e escrever com uma das melhores professoras que encontrei na vida: a Adailza, ela me intitulou por um tempo como “menina vírgula” por conta do excesso de vírgulas que eu colocava nos meus textos, mas logo isso mudou. Me apaixonei pela leitura e comecei a minha obsessão por livros aos 8 anos e desde então, nunca parei. A Zoobotânica marcou o meu percurso escolar e o meu desejo por seguir na profissão, por lá fiz amigos, encontrei dificuldades, aprendi muito com as matérias e participei de tudo, desde os passeios até as apresentações para toda a escola, vivi com muita intensidade e fui muito feliz.

Meu ensino fundamental II foi marcado por uma mudança brusca no meu círculo de amizades e ritmo escolar, bem como o início da adolescência e todos os hormônios aflorados. Minha mãe conseguiu uma bolsa parcial no Salesiano e mesmo sem muitas condições financeiras, me manteve nessa escola até o final do ensino médio. Tive muita dificuldade em me adaptar nesse espaço, mas por ter um ensino melhor optei por continuar. Embora tenha sido um período muito bom em relação aos meus estudos, também foi um período sofrido, o bullying e a ausência de amizades realçaram a enorme disparidade social na qual eu estava inserida: uma escola extremamente elitista.

O ensino médio foi igualmente difícil, vivi situações dentro da escola que marcaram profundamente a minha vida, aos quinze iniciei um relacionamento com um outro aluno e sem saber entreí em uma relação abusiva, repleta de violências físicas, psicológicas, morais e patrimoniais, bem como de abusos. O início do relacionamento era digno de um filme de romance clichê, fui bem tratada e estava feliz, mas aos poucos fui inserida em uma rotina em que ter ciúme era proteção, esse “cuidado” se transformou em obsessão e o ciclo de violência teve início, tinha que provar cada passo dado com uma foto e o horário printado através da rede

social *Snapchat*, fui humilhada por situações que só existiam na cabeça dele e, quando contrariado, quebrava meus pertences e me agredia verbalmente e fisicamente. Em algumas situações, fui chutada, tive meu corpo arremessado contra a quina de um quadro branco, levei diversos apertões, arranhões, tapas e cuspes.

Quando tentei denunciar, fui desmoralizada e tratada como louca. Enquanto o meu agressor era o “popular” da escola eu era a louca que inventava histórias para acabar com a vida dele. Sofri durante um ano e quatro meses diante de constantes violências que me permeavam, além das ameaças que eram constantemente dirigidas a mim e após uma aula de Sociologia que falava sobre patriarcado e feminismo, comecei a entender a dinâmica de uma relação abusiva, busquei refúgio na internet e acabei encontrando um grupo feminista no *Facebook*, que compartilhava histórias reais entre mulheres. A partir das postagens neste grupo, consegui enxergar que eu vivia uma relação abusiva e precisava me libertar dela, após isso, tive forças para pôr um fim nesse relacionamento.

Embora tenha vivido momentos de grande dor, esse relacionamento não acabou comigo, pelo contrário, me deu força e garra para lutar pelas causas feministas e em especial, por meninas e mulheres que não reconhecem que vivem uma relação abusiva. E, embora tenha tido ajuda psicológica durante grande parte da minha vida, continuo lutando por mim. Ser violentada de tantas formas deixou cicatrizes muito grandes na minha vida que não sumiram com o tempo, mas me fortaleceram.

Apesar do ensino médio ter marcado a minha vida para sempre, pude construir uma relação com os meus professores que foi determinante na minha escolha profissional. Francisco Luciano me ensinou a encarar a matemática e os desafios da vida de forma leve e com determinação, sem impor limites aos aprendizados, Diógenes Hudson me ensinou história, política e me ensinou a encarar a realidade como ela de fato é. Tatiane Gatto me ensinou filosofia, sociologia e sobre autonomia, foi através dela que me encontrei dentro do feminismo e por ele, me libertei.

Meus professores me inspiraram a tal ponto que o sonho da Isabelle de 7 anos tomou forma e eu decidi oficialmente a minha profissão, seria pedagoga. A partir dessa vontade, optei por estudar e seguir em frente na UnB, entrei em um cursinho popular chamado “Bora Vencer” e ocupei todo o meu tempo no ensino médio entre escola e cursinho. Fiz o PAS 1, PAS 2, PAS 3 e o ENEM e no dia 26 de janeiro de 2018, fui convocada para ser acadêmica de Pedagogia na Universidade de Brasília.

Meus estudos iniciaram no segundo semestre de 2018. Fiz a minha matrícula no início de fevereiro e passei seis longos meses em casa, aguardando o início do semestre letivo, foi um

período de descanso muito bom, pois eu sabia que estava dentro da UnB e pude descansar da rotina que eu tive durante o ensino médio, que me consumiu muito psicologicamente e fisicamente.

Em agosto de 2018 minha vida acadêmica começou, cursei as primeiras disciplinas do curso e professores como a Tatiana Yokoy, na disciplina de Perspectivas do Desenvolvimento Humano, e Paulo Bareicha, em Oficina Vivencial, me fizeram enxergar a pedagogia para além da sala de aula e me apaixonei ainda mais pelo curso. No meu segundo semestre, conheci o professor Vinícius Silva, que foi substituto de História da Educação e de Filosofia da Educação e como uma amante da história, da filosofia e da literatura que sempre fui, encontrei nele uma didática impecável, que em todas as aulas me despertava um desejo enorme por aprender e ensinar e a partir daí, fui aluna e monitora dele durante seu período de docente na Universidade, que foi entre o início de 2019 e o verão de 2020.

No meu terceiro semestre, conheci a professora Eloisa Assunção na disciplina de Ensino da Ciência e Tecnologia 1 e tive meu primeiro contato na Universidade com a tecnologia. A Eloisa trouxe textos e vídeos muito bons sobre o assunto, embora tenha abordado um pouco mais sobre o ensino de ciências e fiquei com aquele sentimento de querer aprender mais sobre as tecnologias na educação, mas acabei me inserindo em outras atividades acadêmicas e deixei esse sentimento guardado por um tempo.

Iniciei minha vida de estagiária também em 2019 e durante esse ano, estagiei em duas grandes escolas de Brasília e tive experiências extremamente enriquecedoras neste período, com vivências em coordenação pedagógica, auxílio aos professores, recepção de pais e alunos, confecção de materiais didáticos e acompanhamento de crianças com deficiências. Em uma das escolas, havia uma sala *Google* equipada com vários tablets e jogos virtuais, aquele era o momento da semana mais esperado pelas crianças, e novamente, a vontade de aprender mais sobre tecnologias retornou ao meu coração, mas por querer me dedicar mais à minha vida acadêmica, optei por sair do estágio.

No segundo semestre de 2019, fui selecionada para participar como extensionista do grupo “Roda das Minas – Políticas Públicas para as meninas” em uma escola pública de ensino médio do Riacho Fundo II. Visitávamos a escola quinzenalmente às sextas-feiras pela manhã, e nos dias que não íamos à escola, fazíamos o planejamento das rodas. O projeto consiste em criar um ambiente acolhedor a partir de rodas de conversa entre meninas e mulheres partindo de um princípio de escuta ativa, onde compartilhamos histórias e sentimentos a partir de temas como machismo, violência, direitos reprodutivos e sexuais, entre outros.

Meu quarto semestre foi marcado pelo início da Pandemia de COVID-19, todos os Estados entraram em *lockdown* e as escolas e universidades fecharam durante um semestre. Foi um momento de grande desespero mundial, com casos de Coronavírus espalhados por todos os continentes. No semestre seguinte, retornamos as atividades por meio do ensino remoto emergencial, a adaptação foi extremamente difícil pois não estávamos familiarizados com plataformas digitais e os professores tiveram que reorganizar suas disciplinas para se adaptarem a esse modelo. Durante esse período, encontrei um grande amigo e professor na Universidade, Fernando Bonfim, ele ministrou a disciplina de Orientação Educacional e foi meu coordenador do Programa de Iniciação à Docência - PIBID.

O PIBID foi uma grande experiência na minha formação, atuamos em grupo no Centro de Ensino Fundamental 1 do Varjão em uma turma de alfabetização durante a pandemia, tivemos muitos desafios e dificuldades, sendo o principal deles o de alfabetizar aquelas crianças à distância. O Varjão é uma região administrativa de baixa renda e a realidade do ensino em comparação com outras escolas é muito diferente.

Tínhamos pais e mães que trabalhavam o dia todo e não tinham como acompanhar as aulas que aconteciam ao vivo; que perderam o emprego e tiveram que mudar de cidade; que só tinham um celular para 4 ou 5 filhos acompanharem as aulas, que não tinham internet no celular; entre diversas outras situações que não podíamos deixar de lado. Assim, foi decidido pela Josiane, nossa coordenadora na escola e professora regente da turma que acompanhamos, que faríamos momentos ao vivo em coletividade utilizando o *Google Meet* e individuais, através de chamadas de vídeo no *WhatsApp*, além de atividades no *Google Classroom* e atividades físicas, entregues ou realizadas presencialmente na escola.

Em conjunto com o PIBID, comecei a estagiar no Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal e tive minha primeira experiência com o ambiente corporativo e militar, trabalhando com cursos para a corporação ofertados em uma plataforma de educação à distância. Trabalhei por um período em regime de home office, foi uma experiência surpreendente e embora o tempo tenha sido curto, aprendi muito.

Também em 2020, voltei à Roda das Minas como coordenadora do projeto de extensão, junto com outras mulheres incríveis da coletiva e fizemos algumas rodas e projetos com escolas no formato remoto. Foi muito difícil manter o engajamento nesse formato, porque as alunas passavam o dia inteiro nos celulares e computadores assistindo aulas e, para elas, a roda se tornou mais uma atividade desgastante. Então, após uma decisão conjunta, passamos a realizar oficinas para capacitar as nossas extensionistas a realizarem rodas em qualquer lugar, apoiando outras mulheres.

Assim que entrei no Corpo de Bombeiros, me inscrevi despretensiosamente no processo seletivo da Confederação Nacional da Indústria e cerca de dois meses depois, fui convocada para estagiar na área de educação corporativa, aceitei o desafio e ali me encontrei. Foi meu estágio mais proveitoso e feliz, aprendi a configurar e gerir um ambiente virtual de aprendizagem, monitorar cursos, elaborar relatórios, validar conteúdos, criar comunicação com o público e clientes internos e externos e acompanhar aulas ao vivo. Me apaixonei, me deslumbrei, me encantei e sigo extremamente animada com a área de educação a distância, corporativa, digital e tecnológica. Na academia não encontrei uma disciplina que fosse voltada para a área corporativa e somente nos estágios encontrei essa outra face da educação, que me ganhou.

Concomitante ao estágio, fiz meus últimos semestres durante a pandemia e me senti muito deslocada. Na faculdade tinha o sentimento de que ninguém ali estava realmente preparado para esse formato de ensino remoto e a aprendizagem ficou a desejar, apesar do esforço árduo e louvável dos professores da Faculdade de Educação e das tentativas de manter o engajamento dos alunos. Sinto que as disciplinas de Alfabetização e de Letramento poderiam ser melhor aproveitadas, se tivessem sido presenciais.

No meu 7º semestre, entrei como bolsista no Projeto de Extensão “Meninas Velozes no Âmbito do Novo Ensino Médio” que surgiu entre professoras da Engenharia Mecânica da UnB e tem como objetivo promover o interesse em meninas do ensino médio pelas áreas das ciências exatas, além de discutir questões relativas às desigualdades de gênero, raça e classe. Esse projeto me desafia em todas as oficinas pois além de bolsista, também me misturo junto às estudantes do ensino médio e aprendo muito sobre ciência, matemática e tecnologia.

Sinto que minhas trajetórias pessoal, acadêmica e profissional, sofreram um grande impacto durante e após a pandemia. Durante esse período, passei muitas horas improdutivas frente ao celular migrando entre as redes sociais do *Instagram* e do *TikTok*, em uma realidade multifacetada de filtros e efeitos. Vivendo em uma era de superexposição, tinha o sentimento de que a vida do outro era melhor e mais bonita, pois via no *Instagram* somente postagens referentes às conquistas pessoais e vidas de luxos e felicidades.

Caminhando para meu último semestre na Universidade, decidi juntar as duas coisas que atravessaram a minha trajetória em diferentes momentos, o feminismo, principalmente no que tange ao reconhecimento de vivências abusivas e a tecnologia como linguagem para a diminuição destas. Desta forma, ao conversar com a minha orientadora, Andrea Versuti, decidimos mostrar no meu projeto de conclusão de curso que o *Instagram* pode ser um meio enriquecedor em relação aos conteúdos *ciberfeministas*, na difusão de conhecimento e

instrução, tendo como fim a autonomia feminina a fim de diminuir as violências contra as mulheres por meio da disseminação de informações no *ciberespaço*.

No geral, eu me sinto muito feliz e agradecida por toda a minha trajetória até este momento. Posso afirmar que vivi a Universidade em todas as suas formas e cores, participei de lindos projetos de extensão, fiz parte do PIBID, e me reafirmei como uma mulher feminista, fui monitora, fui militante, vivi os famosos “*happy hours*”, passei tardes e noites na BCE estudando, vivenciei várias edições da Semana Universitária, me delicieei nas feijoadas e fricassês do RU e participei da maioria dos eventos que a UnB proporcionou.

Foram quatro anos incríveis, saio da Universidade com o coração alegre e com o desejo crescente de continuar pesquisando sobre feminismo e as relações de gênero através dos usos das tecnologias. Eu me sinto agraciada por ter tido a oportunidade de, através da Universidade, tornar-me uma pedagoga que luta por uma educação em direitos humanos.

INTRODUÇÃO

Apresentar um trabalho de conclusão de curso a partir de uma dor é acima de tudo disseminar informações, fazer ciência e dar visibilidade e significado a luta de uma vida inteira. Por este motivo, este trabalho foi elaborado com finalidade de aumentar a visibilidade de alguns perfis que lutam contra o machismo e o patriarcado e auxiliam na luta feminista.

Bell Hooks em seu livro *Ensinando a Transgredir* diz: “Não é fácil dar nome à nossa dor, teorizar a partir desse lugar.” (HOOKS, 2017, p. 103). Logo, a importância da ressignificação, principalmente na vida de mulheres que tiveram suas identidades, seus corpos e seus desejos suprimidos por abusadores em relacionamentos afetivo-sexuais.

O presente trabalho buscou aproximar conceitos relativos ao feminismo no ciberespaço, com o intuito de elucidar historicamente a origem e as principais vertentes do feminismo a partir de uma linha do tempo que conta as principais conquistas e dificuldades que o movimento feminista encontrou para que as mulheres conseguissem obter os direitos civis que na sociedade atual, possuem.

O ciberespaço, segundo Lèvy (1993; 2000), é um ambiente de comunicação no meio eletrônico, abarcando informações que são utilizadas e alimentadas pelos sujeitos culturais que nele navegam. Neste sentido, apresenta-se as possibilidades de inserção do feminismo no ciberespaço, configurando o que entendemos por ciberfeminismo, ou seja, a manifestação do feminismo no ambiente eletrônico com o objetivo de propagar conhecimento e informação para os sujeitos.

Na contemporaneidade, Sèrres (2013) apresentou em seu estudo, as características da nova geração que utiliza os polegares como forma de comunicação principal, digitando sobre as telas. Para o autor, todos os saberes estão distribuídos pelos ciberespaços e a proximidade entre pessoas geograficamente distantes torna-se possível devido à evolução tecnológica. Essa realidade se tornou ainda mais latente após o início da pandemia de COVID-19, o distanciamento físico tornou-se essencial para preservar a saúde dos indivíduos e a comunicação entre os sujeitos culturais ficou ainda mais intensa no ciberespaço, especialmente nas redes sociais.

O *Instagram* enquanto rede social ganhou ainda mais espaço entre os sujeitos culturais após o início da pandemia, segundo o Relatório de Visão Geral Global Digital (2022) publicado em julho de 2022, mostra 4,70 bilhões de sujeitos culturais ativos nas redes sociais, sendo o *Instagram* o aplicativo mais instalado em celulares e a segunda rede social mais utilizada pelos

indivíduos no mundo. Mais do que apenas um meio de comunicação, o *Instagram* é também uma ferramenta de informação dos sujeitos culturais, que utilizam da rede social para buscar notícias e conhecimentos gerais.

No Brasil, segundo o Relatório TIC Domicílios (2021), 82% dos sujeitos culturais possuíam acesso à internet e utilizavam o celular principalmente para comunicação no ano pesquisado. De acordo com as pesquisas da Opinion Box (2022), o *Instagram* é a rede social mais utilizada pelos brasileiros, contendo 99 milhões de sujeitos culturais ativos. Diante disso, o *Instagram* revela ser uma rede social muito popular entre os indivíduos, com potencial de compartilhar informações, vender produtos e ter perfis pessoais, influenciando indivíduos.

Diante desse contexto, o presente trabalho teve a seguinte questão norteadora: Qual o potencial educativo do uso do *Instagram* por perfis feministas diversos? E o seguinte problema de pesquisa: os posts de perfis ciberfeministas podem possibilitar o reconhecimento das situações de violência em relacionamentos abusivos?

Para tanto, definimos como objetivo geral: identificar, por meio de três perfis ciberfeministas selecionados, a potencialidade da plataforma do *Instagram* para o desvelamento da violência contra a mulher e a promoção de uma educação para os direitos da mulher.

Para aprofundar esta pesquisa, cinco objetivos específicos foram delimitados, sendo eles: a) descrever a origem do feminismo, suas vertentes e lutas; b) contextualizar o surgimento do ciberfeminismo; c) apontar o uso prevalente das redes sociais mais utilizadas entre os sujeitos culturais e entender a métrica de engajamento utilizada pela plataforma; d) identificar, por meio de uma análise exploratória qualitativa e critérios objetivos, três perfis que utilizam o *Instagram* para o reconhecimento de violências contra as mulheres; e e) analisar as postagens feitas por estes três perfis para conhecer mais sobre suas estratégias de comunicação e como contribuem para informar as mulheres sobre violências, esclarecendo práticas de enfrentamento ao relacionamento abusivo com vistas à contribuir com uma educação para os direitos femininos.

Para atingir os objetivos específicos desta pesquisa, serão analisados também e de forma qualitativa: 1) a identidade visual dos perfis; 2) a quantidade de seguidores; e 3) o relacionamento dos perfis com os seus seguidores, quantidade de curtidas e os comentários nas publicações postadas, no que se refere aos conteúdos digitais explicitados pelos temas - relacionamentos abusivos e violências.

No que se refere à metodologia, tratou-se de uma pesquisa exploratória por intermédio de perfis autodeclarados feministas que utilizam a plataforma do *Instagram* como perfil

profissional. Para tanto, foram selecionados três perfis com base nos seguintes critérios objetivos:

1. Perfis profissionais com mais de cinquenta mil seguidores.
2. Constância de publicações e relacionamento com os seguidores.
3. Perfis que sejam diversos entre si, considerando raça, classe, gênero e orientação sexual, a fim de que se obtenham diferentes perspectivas.

Posterior à pesquisa exploratória, foram definidos os três perfis a seguir:

1. @arquivosfeministas, um perfil composto por um casal de mulheres lésbicas interracialis com 272 mil seguidores;
2. @genipapos, uma pessoa não binária indígena com 173 mil seguidores;
3. @vulvanegra uma mulher preta e LGBT com 50,3 mil seguidores.

Após a seleção dos perfis, foi realizada uma pesquisa qualitativa (CRESWELL, 2007) que objetivou avaliar três publicações de cada perfil selecionado, concernente aos seguintes temas referentes à violência contra a mulher: 1 – relacionamentos abusivos; e 2 – violências sexuais; totalizando seis materiais digitais para o presente trabalho.

A análise das publicações dos perfis estudados e seus comentários, possibilitou um panorama sobre as mulheres vítimas de violências dentro de relacionamentos abusivos e a sua respectiva relação com as redes sociais, sendo que para este estudo também foram considerados os relatos enviados pelos seguidores nas publicações.

Para cumprir o objetivo geral e os objetivos específicos, o presente trabalho foi organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo buscou apresentar uma linha do tempo em relação ao movimento feminista no Brasil e no mundo, suas principais vertentes, representações femininas nas mídias tradicionais e no contexto digital, bem como os conceitos de cibercultura, ciberespaço e ciberfeminismo. O segundo capítulo aprofundou-se na rede social *Instagram* como foco do estudo, apresentando a justificativa de escolha da rede, dos perfis e a descrição detalhada destes, por meio de uma análise qualitativa. O capítulo três apresentou as postagens realizadas pelos perfis escolhidos, bem como os comentários e reações dos seguidores além disso, a análise detalhada das postagens são apresentadas no capítulo. Por fim, nas considerações finais foram demonstradas as reflexões acerca da importância do ciberfeminismo enquanto agente de informação e de transformação na vida das vítimas e o seu consequente potencial educativo.

Este trabalho de conclusão de curso é um convite a todos, todas e todes, para que, uma vez desvelados alguns dos caminhos violentos presentes na vida de milhares de mulheres no

mundo no atual contexto digital contemporâneo, possamos aprofundar a luta feminista. Que este trabalho seja um caminho para a diminuição das violências contra a mulher.

1. ENTENDENDO O FEMINISMO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste primeiro capítulo são apresentados alguns aspectos relevantes sobre o conceito de feminismo e algumas de suas manifestações no contexto digital brasileiro. Observaremos também a relação das mulheres nesta rede social, como lócus da investigação proposta por esta pesquisa.

1.2 A HISTÓRIA DO FEMINISMO

Define-se Feminismo por “Ideologia que defende a igualdade, em todos os aspectos (social, político, econômico), entre homens e mulheres.” (DICIO, 2022). Embora o feminismo componha-se de um conceito polissêmico, pois depende do ângulo que cada um a enxerga e o compreende. Além disso, é importante salientar que dentro do feminismo há diferentes vertentes, que englobam diferentes teorias, reforçando sua definição plural.

Segundo Alves e Pitanguy (1981), o feminismo buscou superar as formas de organização tradicionais permeadas pelo autoritarismo e tentou recriar as relações interpessoais onde o feminino não fosse desvalorizado enquanto sujeito, coexistindo junto a diversos grupos minoritários.

A visão do que é ser uma mulher foi construída ao longo dos anos ancorada em discursos patriarcais, que fazem uma conexão entre ser mulher e ser submissa às vontades e desejos do homem, estabelecendo a ideia de que o sujeito homem é um ser superior, com direitos e deveres de cidadão participante da sociedade, enquanto a mulher é vista como a “sombra” do homem.

Diversos autores declararam suas opiniões em relação às mulheres, para Montaigne (SWAIN, 2001 *apud* GROULT, 1993:83) “A mais útil e honrada ciência e ocupação para uma mulher é a ciência da limpeza”; Schopenhauer (SWAIN, 2001 *apud* GROULT, 1993:93) “Não deveriam existir no mundo senão mulheres de interior, dedicadas à casa, e jovens aspirando a isto e que formaríamos não à arrogância, mas ao trabalho e à submissão.”; para Nietzsche (SWAIN, 2001 *apud* GROULT, 1993:102) “O homem inteligente deve considerar a mulher como uma propriedade, um bem conservado sob chave, um ser feito para a domesticidade e que só chega à sua perfeição em situação subalterna.”

Frases como a de Nietzsche, em que o homem deve considerar a mulher como sua propriedade, foi por muito tempo a realidade de muitas mulheres que viviam em situações de servidão, elas eram utilizadas como meio de reprodução quando seus maridos queriam filhos, também serviam a seus familiares com comida, roupa e casa arrumadas e, quando não agiam conforme o esperado, eram violentadas e agredidas por seus “proprietários”.

De acordo com Barbosa (2003, p.5) “Na Grécia Clássica, não se considerava a mulher como cidadã, não lhe sendo permitido andar nas ruas, senão acompanhada de um homem.” Nessa sociedade conservadora e patriarcal as mulheres eram vistas como inferiores aos homens e como propriedade de seu acompanhante.

As autoras Alves e Pitanguy (1981) apontam para a posição subalterna em que as mulheres passaram anos de suas existências ocupando o lugar de propriedade, meio de reprodução e servindo aos seus maridos. Por estes motivos, o feminismo torna-se necessário para a ruptura de pensamentos como os citados acima, rompendo paradigmas patriarcais e machistas e devolvendo às mulheres a dignidade de existir em sociedade, sendo tão livres quanto os homens sempre foram.

Para entender como o feminismo se tornou um movimento tão sólido como visto nos dias de hoje, é preciso dar um passo para trás e investigar o início dessa organização. A primeira mobilização feminista conhecida, ocorreu em 1791, com a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã” escrita pela francesa Olympe de Gouges (1748-1793). A declaração tinha como objetivo combater a “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão” escrita após a Revolução Francesa, declaração essa que em todo seu conteúdo utilizava a palavra “cidadão” para se referir somente a figura masculina, detentor de direitos e deveres civis e os únicos participantes de uma sociedade, excluindo as mulheres como parte do corpo social. Olympe confronta essa declaração e reforça a necessidade de igualdade entre os gêneros.

No entanto, anos antes da Declaração tornar-se pública e ser declarada como um marco do movimento feminista, outras mulheres tentaram ter voz na sociedade para problemas que já existiam. De acordo com Alves e Pitanguy (1981), Ann Hutchinson foi uma das primeiras vozes da insurreição feminina, ela instaurou uma comunidade religiosa que afirmava que o homem e a mulher foram criados igualmente por Deus, mas em 1637 foi condenada ao banimento da comunidade, pois a ideia de igualdade era intolerável. Em 1789, as mulheres francesas foram até a assembleia solicitando a mudança da legislação sobre o casamento, trabalho, participação política e da prostituição. Em 1791 Olympe de Gouges surgiu com a defesa de seus ideais, mas foi guilhotinada em 1793 por “querer ser um homem de estado”.

No século XIX, o contexto de trabalho foi alterado devido às mudanças na indústria e a mão-de-obra feminina passou a ser explorada no mercado de trabalho, com jornadas de até 18 horas diárias e com salários menores. Os homens explicavam que a remuneração feminina era menor pois a mulher tinha quem a sustentasse. Em março de 1857 operárias têxteis iniciaram uma marcha de protesto contra a baixa remuneração, solicitando uma jornada de trabalho de 12 horas, elas foram presas e feridas pela polícia, essa data ficou conhecida como 8 de março, Dia Internacional da Mulher (ALVES, PITANGUY, 1981).

Após a Declaração de Gouges, um outro grande marco no movimento feminista foi o sufrágio feminino, que teve início em 1848 e prolongou-se por sete décadas. O sufrágismo, como ficou conhecido o movimento, foi criado para que as mulheres tivessem a possibilidade de participar das decisões políticas do país e dispusessem do direito ao voto, assim como os homens. Muitas mulheres foram presas e violentadas durante os protestos.

Um estudo feito na Revista The Lancet, no período de 2000 a 2018, constatou que dentre 90% da população mundial, 27% das mulheres entre 15 e 49 anos relataram já terem sofrido em algum momento da vida, violência física e/ou sexual de seus parceiros. (SARDINHA; MAHEU-GIROUX; STÖCKL; MEYER; GARCÍA-MORENO, 2022). Esses números podem ser ainda maiores devido ao medo de denunciar que assola grande parte das vítimas, principalmente por temerem por suas vidas, caso o agressor descubra a denúncia.

As mulheres foram silenciadas, reprimidas e mortas em diferentes momentos da história pelo simples fato de serem mulheres e lutarem por direitos iguais aos dos homens, e, infelizmente, esses cenários não estão distantes do que ainda acontece com a mulher atualmente. Embora já goze de muitos direitos, a ideia do “ser mulher” foi erguida e idealizada com base em discursos patriarcais que geram no homem o sentimento de posse para com o corpo feminino, tratando-as com violência e as inferiorizando pelo simples fato de serem mulheres. Por este motivo, a luta feminista continua existindo, dado que a sociedade ainda enxerga mulheres como propriedade dos homens, acarretando o aumento do número de casos de violência contra a mulher.

1.3 FEMINISMO NO BRASIL, VERTENTES E LUTAS

No Brasil, um dos grandes marcos feministas foi a criação do Partido Republicano Feminista por Leolinda Daltro, tendo como objetivo mobilizar as mulheres na luta pelo sufrágio feminino. Em 1930 as mulheres brasileiras venceram e obtiveram o direito ao voto. Nos anos seguintes, ocorreram articulações menores com lutas por demandas sociais, direito à terra e à

segurança. Outro grande marco no movimento foi durante o golpe militar brasileiro, ocorrido entre os anos de 1964 e 1985. Neste período, vários grupos de mulheres foram silenciados pelos militares autoritários que detinham o poder (COSTA, 2005).

Este processo de modernização, acompanhado da efervescência cultural de 1968, de novos comportamentos afetivos e sexuais relacionados ao acesso a métodos anticoncepcionais e ao recurso às terapias psicológicas e à psicanálise, impactou o mundo privado. Novas experiências cotidianas entraram em conflito com o padrão tradicional de valores nas relações familiares, sobretudo por seu caráter autoritário e patriarcal. Nessas circunstâncias, o Ano Internacional da Mulher, 1975, oficialmente declarado pela ONU, propicia o cenário para início do movimento feminista no Brasil, ainda fortemente marcado pela luta política contra o regime militar (SARTI, 1998, p.4-5).

Para Sarti (1988), o regime militar veio acompanhado de outras demandas, principalmente no que se refere à saúde feminina, no entanto o sistema familiar continuava o mesmo, com valores patriarcais, autoritários e machistas, podendo intervir direta ou indiretamente, no acesso aos métodos anticoncepcionais e, conseqüentemente, ao direito sexual e reprodutivo feminino, acarretando a ausência do controle de natalidade. Em 1975, a partir das comemorações do Ano Internacional da Mulher, novos grupos feministas surgem, os jornais *Brasil Mulher* e *Nós Mulheres* foram os principais porta-vozes do movimento feminista no Brasil.

Com a ascensão de jornais feministas, pautas como os direitos reprodutivos, sexualidade e o combate à violência contra a mulher, começaram a ganhar visibilidade. De acordo com COSTA (2005, p.5) “O feminismo chegou até a televisão revolucionando os programas femininos, nos quais agora [...] apareciam temas até então impensáveis como sexualidade, orgasmo feminino, anticoncepção e violência doméstica.”. Colocar em pauta estes temas foram importantes para inserir no imaginário da população geral que as mulheres possuíam o direito de acessar anticoncepcionais, de sentir prazer nas relações sexuais e não ser somente um corpo reprodutivo, além de poder sentir atração por outras mulheres. Apesar disso, é importante enfatizar que as mulheres continuam sendo reprimidas pela parte mais conservadora da sociedade.

Durante a Assembleia Nacional Constituinte em 1987, as mulheres invadiram o Congresso Nacional, mulheres brancas, negras, indígenas, patroas e camponesas, todas na luta pela construção de uma Constituição que englobasse todas e todas por igual. Foi criada então a Constituição de 1988, uma legislação com grandes conquistas, graças aos movimentos feministas de todo o país e obtendo grande força da bancada feminina.

O feminismo é um movimento de grandes e constantes lutas, que se modificaram ao longo do tempo e transpassaram municípios, estados e países, mulheres de diferentes etnias, raças, identidades de gênero e orientações sexuais, além de atravessar as especificidades das diversas classes econômicas e sociais. O feminismo é antigo e atual e se renova com as vertentes que o representam com diferentes bandeiras, ele era e continua sendo necessário para que sejam garantidos os direitos das mulheres e para que elas sejam representadas, tenham voz e possam decidir sobre seus corpos.

[...] o movimento feminista não se organiza de uma forma centralizada, e recusa uma disciplina única, imposta a todas as militantes. Caracteriza-se pela auto-organização das mulheres em suas múltiplas frentes, assim como em grupos pequenos, onde se expressam as vivências próprias de cada mulher e onde se fortalece a solidariedade. (ALVES; PITANGUY, 1981).

Dentro do feminismo existem diversas vertentes, uma vez que no interior de uma sociedade existem opressões específicas de acordo com o recorte social em que a mulher está inserida, são lutas de raça, orientação sexual, classe social e/ou identidade de gênero. Essas vertentes surgiram para tentar corrigir as diferenças políticas e sociais que existiam dentro do movimento, mas em seu cerne mantém a estrutura inicial do feminismo, a luta pela equidade entre os gêneros.

No movimento feminista, as vertentes mais conhecidas são o feminismo liberal, o feminismo radical, o feminismo negro e o feminismo interseccional. Cada uma das vertentes mencionadas possui especificidades e auxilia o movimento a aprofundar as discussões dentro dos recortes feitos por cada uma delas.

O **feminismo liberal**, uma das vertentes mais antigas, foi resultado da Declaração dos Direitos da Mulher e Cidadã, de Olympe de Gouges, após a Revolução Francesa e tem como intenção principal a igualdade entre homens e mulheres, ela defende também a liberdade de controle dos corpos femininos. A vertente é considerada a “porta de entrada” para que as mulheres conheçam o movimento, embora ela seja constituída predominantemente de mulheres brancas, de classe média e não faça um recorte de gênero, classe ou raça (ANSCHAU, 2020).

O **feminismo radical** defende que a raiz de todos os problemas advindos das desigualdades é o sistema patriarcal, colocando os homens como os principais responsáveis pela opressão feminina. A luta do movimento nessa vertente é pautada na abolição do gênero, considerado uma construção social que gera hierarquia e conseqüentemente, opressão. (SILVA, 2008)

Desde o início da vida, a criança é inserida em papéis sociais que reforçam os estereótipos de gênero. Reprimir meninos quando choram, os incentivando a serem fortes e viris funda a ideia de uma “masculinidade” nessas crianças que vai se solidificando ao longo da vida. Outrossim, o feminismo radical é o precursor na discussão da abolição de gênero desde a infância, as militantes lutam para que as crianças sejam libertas desse sistema patriarcal e sejam livres das opressões baseadas no gênero.

O **feminismo negro** engloba, além das lutas contra o machismo e o sistema patriarcal, a luta contra o racismo e as desigualdades que derivam dele. Essa vertente surgiu devido a invisibilidade que as mulheres negras tinham dentro do movimento feminista, principalmente por estarem sobre o foco de duas grandes opressões: gênero e raça. (DAVIS, 2016)

De fato, as mulheres negras geralmente estavam presas por um grilhão triplo de opressão: “Toda desigualdade e limitação impostas à mulher branca estadunidense são agravadas mil vezes entre as mulheres negras, triplamente exploradas – como negras, como trabalhadoras e como mulheres (DAVIS, 2016, p. 179).

As mulheres negras sempre enfrentaram uma realidade muito distinta das mulheres brancas, que ocupavam os principais cargos no movimento feminista. As mulheres negras eram exploradas primeiro pelo racismo estrutural, que permeia toda a sociedade desde os tempos de escravidão, segundo como trabalhadoras, que são subjugadas e inferiorizadas como profissionais, e em terceiro como mulheres com suas lutas e pautas específicas provenientes do machismo e do racismo, invisibilizadas. Nesse contexto, o feminismo negro surge para tentar amenizar as opressões raciais contra mulheres negras no movimento e dar visibilidade as suas pautas. (DAVIS, 2016)

No **feminismo interseccional** os marcadores sociais de raça, classe, gênero e orientação sexual, são primordiais para a vertente compreender as lutas específicas que cada marcador terá, uma mulher trans negra possui especificidades diferentes de uma mulher cis branca e de uma mulher indígena. Essa vertente tem por propósito combater as desigualdades que perpassam as diferentes opressões sofridas por mulheres. É uma vertente ancorada nos direitos humanos e na empatia com o ser mulher. (PEREZ; RICOLDI, 2019)

O feminismo é um movimento complementado por suas vertentes, cada uma delas com suas lutas intrínsecas, que desejam ter voz porque foram, por muitos anos, silenciadas, na luta para existir em um mundo mais igualitário e justo para com elas. O feminismo enquanto movimento social e político é construído e reconstruído a cada dia pelas pautas que surgem e perpassam o ser mulher no Brasil e no mundo.

Após o surgimento da internet no final da década de 1960 (CENDON, 2014), em especial das redes sociais, nos deparamos com uma outra face do feminismo, um feminismo que tem por objetivo dar visibilidade e conceder à vítima o poder de defesa através dos meios de comunicação, mas, em contrapartida, são bombardeadas de acusações e exposições, inclusive nos ambientes digitais. O feminismo no contexto digital é primordial para a defesa dos direitos femininos, o movimento levanta bandeiras de vertentes diferentes buscando projetar voz às vítimas de violências, emancipar mulheres e discutir as premissas do feminismo através de posts e comentários nas redes.

Em junho de 2022, alguns casos de violência contra os corpos femininos no Brasil alcançaram grande visibilidade nas redes sociais e, por conta de tamanha repercussão, obtiveram mais atenção do poder judiciário. No dia 20 de junho, o jornal The Intercept em conjunto com o Portal Catarinas divulgou em todas as suas redes sociais o vídeo de uma juíza de Santa Catarina induzindo uma criança de 11 anos, vítima de estupro, a desistir do aborto legal.

Esse vídeo foi compartilhado por milhares de pessoas e obteve uma grande repercussão; a criança em questão descobriu a gravidez com 22 semanas, foi afastada de seu lar pela juíza que a intenção de convencer a criança a prolongar a gravidez, para que o feto fosse concebido através de um parto, mesmo contra a vontade da vítima e contra o que está descrito na lei. A criança foi vítima de copiosas violências, foi violentada sexualmente pelo agressor, violentada psicologicamente pela Juíza e pelo hospital e ainda foi obrigada a seguir durante um tempo com uma gravidez indesejada dentro de um abrigo. Além disso, ela foi desacreditada por milhares de internautas, que fizeram comentários cruéis e injuriosos contra a vítima.

Cinco dias depois, a atriz Klara Castanho, de 21 anos, postou uma carta aberta em seu *Instagram* após ser exposta nas redes pela também atriz Antônia Fontenelle e o jornalista Léo Dias. Ambos divulgaram em suas redes que uma atriz havia engravidado e abandonado o bebê, configurando um crime de abandono de incapaz. A matéria do jornalista, com grande teor sensacionalista, tomou proporções descomunais e vários ataques cibernéticos começaram a ganhar forma. A atriz Klara Castanho foi massacrada nos comentários em todas as suas redes sociais e veio a público contar sua versão. Klara foi estuprada em uma viagem e descobriu a gravidez poucos dias antes do parto. O médico a obrigou a ouvir o coração do bebê e afirmou que ela era obrigada a amá-lo pois 50% do DNA da criança era dela. O bebê, fruto de uma violência, foi legalmente entregue para a adoção e uma enfermeira ameaçou a atriz ainda na

sala de cirurgia. Isto é, Klara sofreu múltiplas violências, foi violentada pelo seu agressor, pela equipe médica, pelos jornalistas e pelos milhares de comentários em suas redes sociais.

Uma criança de 11 anos que tinha o direito ao aborto legal e seguro, foi violentada e julgada pela sociedade, disseram que ela deveria ter a criança e entregá-la para adoção, a atriz foi também violentada e julgada pela sociedade, pois para os internautas ela deveria criar a criança, mesmo sem condições psicológicas de amar essa criança, proveniente de um abuso sexual. Ou seja, mulheres sempre são julgadas, independente do que façam, se escolhem ter ou não filhos, se optam ou não pelo aborto, se escolhem trabalhar ou não fora de casa. São inúmeras as situações nas quais as mulheres são submetidas aos veredictos sociais.

Adichie (2019) trata em seu livro sobre os perigos de uma história única em que uma narrativa é contada de forma incompleta, sem explorar todas as partes, tomando um lado como verdade irrestrita. “A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. A autora enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos.” (ADICHIE, 2019, p.14) No ambiente digital, sobretudo nas redes sociais, o arbitramento tomou grandes dimensões, as pessoas apresentam suas opiniões sem medo, escrevem nos comentários das redes suas crenças e pareceres como verdade absoluta e, como dito por Adichie, roubam a dignidade das pessoas. Tanto a atriz Klara Castanho como a criança de 11 anos, foram expostas nas redes sociais e tiveram sua dignidade roubadas por pessoas que contam uma história única oriunda de suas próprias convicções, embora esse cenário não seja exclusivo delas, inúmeras mulheres foram expostas nas redes por seus companheiros e foram adoecidas por um sistema que desumaniza e adocece mulheres.

1.4 REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS MÍDIAS TRADICIONAIS *VERSUS* REPRESENTAÇÕES NO CONTEXTO DIGITAL

Para entender como a representação feminina ganhou forma nos contextos digitais, como visto nos casos aqui abordados, é necessário entender como as mulheres foram retratadas nas mídias tradicionais, como rádio, televisão e jornais, ao longo do tempo. Segundo Carvalho (1996, p.13), “a propaganda consegue impor valores, mitos, crenças, ideais e outras elaborações simbólicas, reforçando padrões e comportamentos”. Desta forma, as representações femininas através de recursos propagandísticos, reforçam estereótipos e criam no imaginário da população um padrão estético e comportamental acerca das mulheres.

Em 1985, no quadrinho denominado “A Regra” da Cartunista Alison Bechdel com colaboração da Liz Wallace, trouxe a reflexão acerca da invisibilidade feminina nos produtos culturais, A charge (Figura 1) apresenta um diálogo entre duas personagens, uma chama a

amiga para ver um filme e comer pipoca no cinema e a outra rebate dizendo que queria assistir um filme, desde que ele atendesse aos seus critérios, sendo eles: 1. ter ao menos duas personagens femininas; 2. elas conversarem entre si; e 3. elas conversarem sobre algo que não é um homem. (BORTOLETTI, 2022)

Esse teste impactou muito a indústria da mídia, embora seja um teste relativamente jovem para a mídia (37 anos), as mulheres ainda são retratadas não para serem mulheres, mas para exercerem um “papel” na vida dos homens, seja como mãe, irmã, companheira ou amiga, a mídia aborda as mulheres como coadjuvantes dos homens. Nas cenas em que as mulheres estão inseridas, geralmente desempenham papéis domésticos ou aparecem em cenas de sexo e/ou violências.

Figura 1 - Teste de Bechdel



Fonte: <http://marianabortoletti.com.br/blog/teste-de-bechdel/> Acesso em 05 set. 2022.

Durante o movimento sufragista, discursos anti-sufrágio começaram a ganhar visibilidade dos meios de comunicação da época. Cerca de 4500 cartões postais foram produzidos por estes grupos, principalmente nos EUA, a respeito do movimento sufragista. Para o coletivo, os cartões postais eram uma forma de propaganda, embora os postais anti sufragistas tenham auxiliado na manutenção de um perfil feminino esperado para a época. (PALCZEWSKI, 2016).

Os postais da época retratavam a mulher em diferentes momentos. Em um dos postais estudados, há uma mulher com trajes da época, segurando um homem pela orelha enquanto ele limpava a casa, a legenda dizia “Minha esposa se juntou ao movimento sufragista e eu sofro desde então.” (Figura 2). Em um outro, há a imagem de um homem, sentado em uma cadeira de balanço ninando uma criança, ao seu redor há vários baldes, panos e produtos de limpeza,

no canto direito uma mulher bem-vestida apontando uma vassoura para o homem com a seguinte legenda: “Eu gostaria de ser solteiro de novo.” (Figura 3). Ou seja, para esses homens contrários ao sufrágio feminino, o voto era uma ameaça, pois, na visão deles, elas poderiam se emancipar do padrão patriarcal em que estavam inseridas, abdicando do exercício da maternidade e dos afazeres domésticos, impostos a elas até então.

Figura 2 - Minha esposa se juntou ao movimento sufragista e eu sofro desde então



Fonte: <https://scholarworks.uni.edu/suffrage/> Acesso em 27 jul. 2022.

Figura 3 - Eu gostaria de ser solteiro de novo



Fonte: <https://scholarworks.uni.edu/suffrage/> Acesso em 27 jul. 2022.

Segundo Bisol (2005, p. 39) “O corpo da mulher é apresentado como esbelto e curvilíneo, tendo por sua função acompanhar o homem ou cuidar da família, enquanto o homem geralmente é mostrado como o protetor, aquele que tem condições de prover aquele produto à sua família ou de comprar a própria mulher.” Ao analisarmos os postais dos EUA, é possível os relacionar com os conceitos abordados por Bisol, já que neles as imagens representadas são sempre de mulheres brancas e magras, seguindo o padrão estético vigente e, estavam se “rebelando” de suas funções para exercerem o direito ao voto, ou seja, abdicando sua função de acompanhante do homem e de cuidadora da casa e da família.

“Eu sei tudo” foi uma revista brasileira publicada no Estado do Rio de Janeiro entre os anos 1917 e 1957, encontrando representações femininas em várias edições. Nela, as mulheres aparecem tratando questões de beleza, maternidade e casamento. O feminismo enquanto movimento foi retratado na edição 58 de 1922, página 22, as mulheres consideradas como “boas feministas” (Figura 4), são representadas em uma imagem realizando exercícios físicos para auxiliarem caso houvesse algum incêndio. Já na edição 135 de 1928 nas páginas 22 (Figura 5) e 66 (Figura 6), o “bom feminismo” retratava as mulheres ocupando cargos que antes eram destinados somente aos homens.

Figura 4 - Boas feministas



Fonte: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164380&pagfis=70> Acesso em 27 jul. 2022.

Figura 5 - Bom feminismo



Fonte: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164380&pagfis=70> Acesso em 27 jul. 2022.

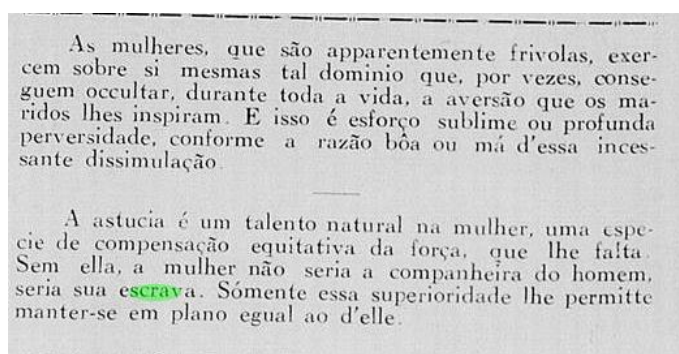
Figura 6 - Bom feminismo



Fonte: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164380&pagfis=70> Acesso em 27 jul. 2022.

Esse feminismo tratado na revista aborda exclusivamente questões de autonomia e autoridade feminina. Já em uma matéria da edição 193 de 1933 (Figura 7) as mulheres que estão ao lado de homens são tidas como inteligentes, pois caso não fossem, não seriam companheiras de um homem, mas sim suas escravas. As mulheres foram frequentemente representadas nos canais de comunicação da década de 1930 em posição subalternas aos homens. (EU SEI TUDO, 1917-1957).

Figura 7 - Inteligência da mulher



Fonte: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164380&pagfis=70> Acesso em 27 jul. 2022.

No entanto, mesmo com o avanço dos anos, as notícias que abordam ações feministas continuam sendo propagadas negativamente pela mídia. Atualmente, nos contextos digitais contemporâneos, os materiais veiculados são carregados de preconceitos e estereótipos, contribuindo para a preservação de um discurso aversivo às mulheres feministas, sobretudo porque não desempenham as “funções” femininas.

Mesmo com as novas formas de se comunicar, os veículos midiáticos acabam contribuindo para o reforço desta construção de gênero que atravessou as décadas. Programas de humor na televisão ironizam o comportamento dos homossexuais, jornais colocam em segundo plano a violência doméstica sofrida diariamente por mulheres que se negam a obedecer a seus maridos em detrimento à exaltação de novas conquistas dos homens, de novos decretos religiosos ou políticos, manipulando as prioridades de recebimento de informações do público, que está cada dia mais saturado de definições equivocadas. (MEDEIROS, 2015, p. 34-35).

De acordo com Medeiros (2015), mesmo nas ditas novas formas de se comunicar, ainda é possível encontrar matérias que reforçam estereótipos, firmando a manutenção da manipulação midiática contra corpos femininos e, sobretudo, feministas. Mulheres são

constantemente ridicularizadas, expostas e desacreditadas em detrimento dos homens, que aparecem nos canais de comunicação como detentores do conhecimento e do poder. Protestos e manifestações por causas como a legalização e descriminalização do aborto, contra o feminicídio e a favor da igualdade de direitos são veiculados na grande mídia como radicalismo feminista, apesar de ser, assim como no início dos movimentos feministas, uma luta por direitos, por poder viver em segurança.

Mulheres feministas são constantemente representadas nas redes como “mal-amadas” e “cabeludas”. Em 2019, quando o *Instagram* retirou a visualização do número de curtidas, a então deputada federal Carla Zambelli reclamou da medida tomada pela rede em seu *Twitter* dizendo: “E o *Instagram* sumiu mesmo com o número de likes. Tudo para a gorda feminista peluda do cabelo roxo não ficar deprimida ao ver o desempenho da coleguinha na rede.” (CIPRIANI, 2019). Discursos como o de Carla Zambelli reforçam o discurso antifeminista, após o tweet viralizar, muitos comentários a favor de Carla surgiram, a fim de desmoralizar e suprimir a luta feminista.

Apesar disso, o contexto digital, em especial as redes sociais, proporcionaram a criação de um ambiente mais inclusivo, representativo e seguro para as mulheres. Denúncias virtuais passaram a ter grande comoção e obter maior auxílio do poder judiciário e uma grande rede de apoio virtual passou a se formar. Tanto o caso da menina de 11 anos, quanto o da atriz Klara Castanho, obtiveram notória visibilidade e uma rede de apoiadores virtuais e ajudaram a compartilhar o caso, para que obtivessem ajuda legal e efetiva. As redes sociais podem ser grandes aliadas ao feminismo, dando visibilidade para que as mulheres possam ser ouvidas, especialmente quando são vítimas de violências.

Notícias que, há poucos anos, eram consideradas inadmissíveis, tais como conquistas científicas realizadas por mulheres, cargos políticos importantes destinados ao público feminino, entre outras, hoje possuem espaço de destaque em jornais, revistas e canais televisivos. (MEDEIROS, 2015, p.31).

A conquista ao voto, ao trabalho remunerado e aos direitos civis, resultou na construção de uma representatividade feminina que transladou para dentro das mídias de comunicação, exibindo nos canais televisivos, mulheres em diferentes cargos, mães solo e mulheres que optaram por construir suas trajetórias da maneira que aspiraram, provocando uma autonomia, mesmo que inconsciente, e incentivando outras mulheres a ocuparem esses espaços.

No contexto digital, que apresenta suas próprias especificidades estéticas, (BITARELLO; BRAZ; CAMPOS, 2011) esse cenário tornou-se ainda mais inclusivo e

autônomo, corpos femininos diversos ganharam visibilidade e, cada vez mais, mulheres em grandes cargos, trabalhadoras e mães conquistaram destaque nos meios de comunicação digitais. As mulheres passaram a ter mais independência de comunicação, marcando protestos via redes sociais, compartilhando informações de cunho feminista, incentivando mulheres a se desvencilharem de relacionamentos abusivos, a compartilharem informações referentes à saúde pública feminina e, a auxiliarem vítimas de violências através da criação de redes de apoio feministas nas redes, sendo esta uma prática da “explosão feminista”, que caracteriza o ciberfeminismo. (BUARQUE DE HOLLANDA, 2018).

1.5 CIBERESPAÇO, CIBERCULTURA E CIBERFEMINISMO

Ciberespaço, cibercultura e ciberfeminismo são conceitos que alguns autores utilizam para nomear e caracterizar situações que acontecem no ambiente digital. Monteiro (2007) ressalta que o ciberespaço é um local aberto, mas não físico, que disponibilizam informações através da tecnologia. O ciberespaço também proporciona a comunicação e interação entre pessoas que não estão presentes fisicamente em um mesmo local, mas que, por terem acesso à internet, conseguem se comunicar.

Para Lévy (1993; 2000), o ciberespaço é um conjunto de sistemas de comunicação no meio eletrônico que surge da intercomunicação mundial dos computadores, abarcando informações que são utilizadas e alimentadas pelos seres humanos que nela navegam. Desta forma, é possível compreender que o ciberespaço possibilita a construção de informações e comunicação entre as pessoas no meio digital. Já a Cibercultura para o mesmo autor (LÉVY, 2000), se refere a um conjunto de técnicas, práticas e valores que se desenvolvem conjuntamente ao crescimento do ciberespaço. Felinto (2007) conceitua a cibercultura como o domínio das comunicações ligadas às tecnologias informacionais, concebendo um espaço saturado pelas tecnologias digitais e modelado pelas novas mídias.

“As tecnologias digitais em rede - que se materializam em diversos suportes, plataformas e sistemas lógicos - em interface com as cidades, o ciberespaço e os artefatos técnico culturais vêm instituindo cotidianamente a cultura contemporânea.” (SANTOS, 2002, p. 78) Para a autora, a cibercultura está ligada diretamente ao ciberespaço pois se desenvolve concomitantemente, ou seja, o ciberespaço é o local de comunicação nas redes que (in)diretamente produz na sociedade uma cultura modelada pelas novas mídias.

Ambos os conceitos fundamentam a criação do que vem a ser o ciberfeminismo, Santos (2002) afirma que o ciberfeminismo materializa debates e ativismos feministas através de

dispositivos e interfaces do ciberespaço, sendo este um campo de debates, lutas e ações promovendo um espaço multirreferencial de aprendizagem. Desta forma, compreendemos o ciberfeminismo como um espaço virtual de comunicação entre mulheres e simpatizantes do movimento no formato digital, através das redes sociais para divulgação através de materiais informativos, vídeos, *podcasts*, *posts*, *lives* e comentários, que podem ser acessados de qualquer lugar a qualquer momento, rompendo com os limites geográficos e cronológicos e possibilitando o acesso ao conhecimento.

É inteligível que grande parte dos movimentos sociais da atualidade, dentre eles o movimento feminista, tem encontrado na internet um meio para divulgar suas pautas e gerar engajamento de novos membros. É o chamado ciberativismo que advindo da democratização da internet, apresenta crescente notoriedade à medida que transformações sociais reais acontecem a partir de organizações virtuais. (LIMEIRA; FARIAS, 2021).

O ciberfeminismo é um movimento que atua como um agente transformador na vida de meninas e mulheres, alcançando os sujeitos culturais através de conteúdos digitais que promovem o ingresso de mulheres no movimento, e auxiliando-as a reconhecerem situações abusivas e nocivas que já experienciaram durante a vida, contribuindo para o devido enfrentamento. É a partir destas considerações que apresentaremos no próximo capítulo o detalhamento da pesquisa realizada nos perfis do *Instagram* selecionados

2. CIBERFEMINISMO A PARTIR DA ANÁLISE DE PERFIS NO INSTAGRAM

2.1 - A ESCOLHA DA REDE SOCIAL

As redes sociais são espaços de interação em que as relações físicas estão sujeitas ao ciberespaço, reivindicações públicas, campanhas publicitárias, denúncias são realizadas e validadas nos ambientes digitais e promovem um ambiente comunicativo e interativo entre os sujeitos culturais (RAMOS; MARTINS, 2018).

Desta forma, a rede social torna-se imprescindível para a disseminação do feminismo no ciberespaço, propagando conteúdos feitos para que outras pessoas conheçam as premissas do feminismo, para que dialoguem e interajam com pessoas em diferentes espaços geográficos para que façam protestos públicos, até mesmo digitais, ao utilizar hashtags e compartilhar publicações de grande alcance.

O Relatório de Visão Geral Global Digital (2022) publicado em julho de 2022 e realizado em parceria com o *We Are Social* e o *HootSuite* revelam um salto, principalmente após o início da pandemia, no uso da internet no mundo todo. A população mundial era de cerca de 7,98 bilhões de pessoas em julho de 2022, dentre estes 5,34 bilhões utilizam um telefone celular e 5,03 bilhões utilizam a internet. Seis em cada dez mulheres entrevistadas disseram que utilizam as redes sociais para consumir e acessar notícias.

Em relação às redes sociais, o relatório mostra 4,70 bilhões de sujeitos culturais ativos nas redes sociais, o que representa um aumento de 227 milhões no último ano e equivale a 59% da população total do mundo. No ranking das redes sociais mais utilizadas pelos sujeitos culturais, o *Instagram* ocupa o segundo lugar, perdendo apenas para o *WhatsApp*.

O relatório ainda exhibe o tempo diário gasto pelos sujeitos culturais do *Instagram*, uma média de 51 minutos por dia, o terceiro lugar do ranking. Perdendo para o *Youtube*, com 74 minutos por dia e para o *TikTok*, com 95 minutos por dia. Neste estudo também é revelado que o *Instagram* é o aplicativo mais instalado em celulares, seguido do *Facebook*, *TikTok* e *WhatsApp*.

No Brasil, os dados são um pouco diferentes. Segundo o Relatório TIC Domicílios 2021, realizado pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, dentre 23.950 domicílios entrevistados, 82% possuíam acesso à internet e utilizavam o celular principalmente para comunicação. Desta forma, 93% dos sujeitos culturais utilizaram o celular para envios de

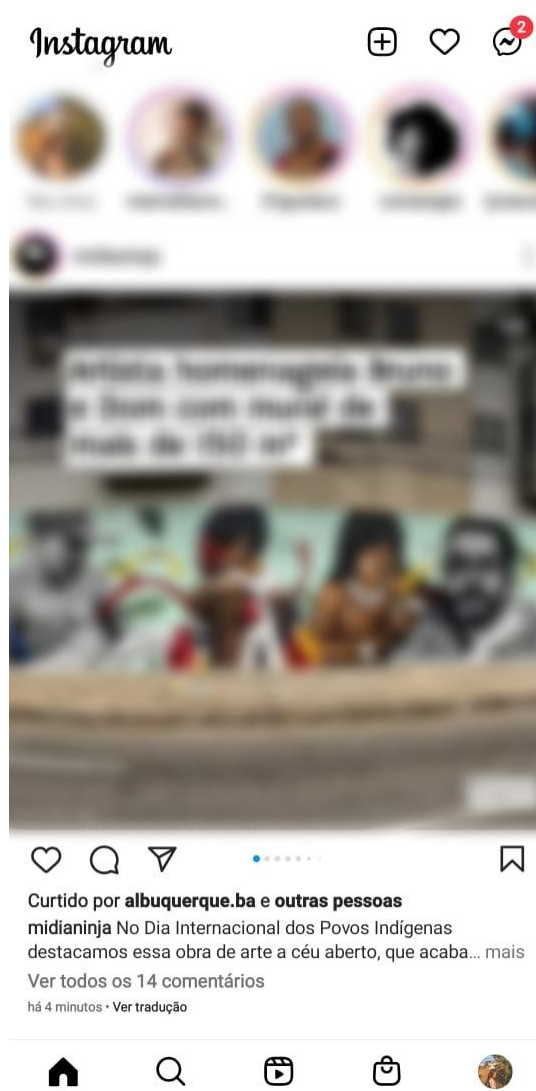
mensagens instantâneas, 82% conversaram com pessoas por chamada de voz ou vídeo e 81% utilizaram as redes sociais.

Uma pesquisa realizada pela Opinion Box (2022) trouxe dados importantes sobre o *Instagram* no Brasil. Segundo a pesquisa, o *Instagram* é a rede social mais utilizada pelos brasileiros, contendo 99 milhões de sujeitos culturais ativos, em que 75% declararam entrar no aplicativo várias vezes ao dia. Em relação às ferramentas que o *Instagram* disponibiliza, 55% dos entrevistados afirmaram gostar muito de assistir *stories*, 50% disseram gostar do *reels* e 45% informaram gostar muito do formato das *lives*. Em relação ao que aparece no feed, 69% dos sujeitos culturais afirmam ter visto publicações de contas que não seguiam e, entre estes, 22% declararam que as sugestões de publicações de contas desconhecidas que aparecem no feed são uma ótima ideia e 21% consideram uma boa ideia.

O *Instagram* é uma rede social que apresenta fotos e vídeos em formatos que podem ser temporários ou permanentes, a depender da escolha do sujeito. Em seu site oficial, o *Instagram* apresenta-se como uma rede que dá às pessoas a possibilidade de criar comunidades e de se aproximar do mundo, alcançando diferentes pessoas com idades, classes socioeconômicas, raças, gêneros e orientações sexuais distintos, e informa ter como compromisso a promoção de uma comunidade segura e acolhedora para todos (INSTAGRAM, 2022).

O *Instagram* demonstra ainda dispor de um alcance notável dos sujeitos culturais que utilizam a rede social no Brasil, apresenta funcionalidades e ferramentas interativas que tornam a rede mais comunicativa, desfrutando de infinitas possibilidades no uso, oferecendo ao sujeito a escolha que melhor o atende. Um único sujeito pode criar mais de uma conta com diferentes finalidades, seja para fins pessoais ou profissionais, e pode optar por manter seu perfil público para os demais sujeitos culturais ou privados, em que apenas as pessoas selecionadas podem visualizar aquele perfil.

Ao abrir o aplicativo (Figura 8), o sujeito pode escolher entre as ferramentas que a rede social apresenta. Na barra superior da tela inicial é possível postar conteúdos, nos *stories* ou no *feed*; visualizar as publicações do *stories* de outros sujeitos culturais, bem como ver as interações que você recebeu e as mensagens privadas.

Figura 8 - Página inicial do Instagram

Fonte: Perfil pessoal da pesquisadora (2022)

O *feed* é uma tela de rolagem vertical, onde você visualiza fotos e vídeos publicados pelas pessoas que você segue. Nos *stories* você vê as publicações dessas mesmas pessoas, mas são fotos e vídeos com duração de até 60 segundos que ficam disponíveis somente por 24 horas. Os *reels* são vídeos de até 90 segundos em formato de publicação no *feed*.

O *Instagram* também disponibiliza o recurso de *lives*, em que se pode fazer transmissões ao vivo de até 60 minutos para os sujeitos culturais que seguem sua conta. No

símbolo de coração, é possível visualizar as atividades e interações do sujeito como curtidas, comentários e novos seguidores.

Na barra inferior, são apresentados 5 ícones que direcionam para outras páginas do aplicativo, na seguinte ordem: página inicial; explorar; *reels*; loja e perfil pessoal. Na página inicial você visualiza o *feed*, que, como falado anteriormente, apresenta as publicações das contas que você segue. No explorar você visualiza fotos e vídeos de contas que o algoritmo sugere para você. Os *reels*, como também já foi relatado, são vídeos de até 90 segundos. A loja apresenta produtos publicados por contas seguidas pelos sujeitos culturais e produtos sugeridos pelo algoritmo. Ao clicar na publicação do produto, é possível visualizar o link do site, que direciona para a compra. O último ícone, representado pela foto de perfil do sujeito, direciona para o seu próprio perfil, que contém suas publicações, seguidores e contas que você segue, além da sua biografia e as configurações do aplicativo.

É possível visualizar um perfil público sem possuir uma conta, mas não é possível interagir e dialogar com as publicações e contas não é possível sem um login e senha. No *Instagram* a possibilidade de criação é imensa e atende vários públicos, é possível postar um vídeo como *reels*, publicar várias fotos e vídeos no *feed*, postar um *story* público ou privado que ficará disponível somente por 24 horas ou até mesmo, publicar um produto para ser anunciado na loja do aplicativo.

Nos termos de uso do aplicativo está descrito que a idade mínima para utilizar o aplicativo é de 13 anos, mesmo que os pais ou responsáveis aprovelem o uso antes. Também é informado que os sujeitos culturais que assinam o termo de uso do aplicativo não podem ir contra as diretrizes da comunidade, que dizem respeito ao assédio, bullying, discursos de ódio, nudez e spam. Caso haja alguma atividade suspeita que não esteja de acordo com as diretrizes do aplicativo ou possa ferir os direitos individuais dos demais sujeitos culturais, a conta, após ser denunciada, é averiguada pela rede social. Essas estratégias são adotadas com o objetivo de que o *Instagram* promova um ciberespaço seguro para seus sujeitos culturais.

Entretanto, o uso do *Instagram* enquanto rede social pode suscitar discussões a respeito dos prós e contras do aplicativo. A infinidade de filtros, que a rede oferece aos sujeitos culturais, é um dos pontos negativos observados por alguns autores. Segundo Montardo e Prodanov (2021), as *selfies* são fotos tiradas digitalmente que devem expressar beleza e bem-estar e podem ser modificadas por filtros que são capazes de suavizar efeitos da longevidade da pele do indivíduo, incluir maquiagens e aumentar, diminuir ou alterar partes do corpo humano, levando a uma padronização da beleza, sendo esta branca, com olhos de cores claras,

nariz fino e lábios salientes. As autoras ainda abordam sobre o incentivo dos filtros nos procedimentos cirúrgicos desnecessários. No mesmo sentido, Limeira e Farias (2021) discorrem sobre a disseminação de padrões de beleza no *Instagram* e no quanto a rede social pode interferir na autoimagem e na autoestima das mulheres consumidoras de conteúdo nas redes sociais, em contrapartida, as autoras apresentam o *Instagram* enquanto espaço de questionamento dos padrões de beleza, atuando no combate ao ideal de beleza aceito socialmente através de hashtags e perfis ativistas.

As redes sociais criaram um mercado que leva a lógica da competição e do individualismo, fazendo com que o capitalismo se alimentasse desses sistemas de opressão, inclusive reiterando e compartilhando violências e, para lucrar, muitos perfis disseminam, também, conteúdos impróprios, violentos, grotescos, nefastos, porque é o que viraliza, o que dá lucro.

Embora existam algumas ressalvas em relação aos padrões de beleza impostos pelos filtros e a influência destes nos procedimentos cirúrgicos, o *Instagram* pode ser utilizado como local de compartilhamento de informações, inclusive em relação ao que é conhecido por padrão de beleza, quando são suscitadas discussões que trabalhem, por exemplo, a imagem feminina nas redes, utilizando esse local para promover acolhimento e aceitação de corpos diversos.

O *Instagram* foi escolhido como lócus desta pesquisa devido à sua atualidade e relevância, reiterando os dados informados pelo Relatório de Visão Geral Global Digital (2022). O *Instagram* é o segundo aplicativo mais utilizado no mundo inteiro e, dada sua capacidade de alcançar pessoas, pode ser utilizado para construir conhecimento no ciberespaço inclusive sobre as pautas feministas, o que chamamos de ciberfeminismo.

Este trabalho compreende os vários riscos e problemas envolvidos no uso das redes sociais, mas aqui procuro investigar a relação que os seguidores constroem com os perfis feministas apontados para o reconhecimento de violências em relacionamentos abusivos, através da identificação. O presente trabalho também compreende que a escola e os aparelhos de defesa dos direitos das mulheres são espaços legítimos que devem orientar, apoiar, proteger e acolher as vítimas de violências.

2.2 – JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA DOS PERFIS

Para este trabalho, os perfis selecionados foram escolhidos com base na pesquisa qualitativa exploratória em que os contextos dos perfis foram interpretados pela pesquisadora,

guiando o presente trabalho através da análise de texto e imagem, ou seja, as postagens feitas pelos perfis e, a interação dos seguidores com as postagens estudadas. (CRESWELL, 2007)

Os perfis para esta pesquisa foram selecionados a partir dos seguintes critérios:

1. Número mínimo de cinquenta mil seguidores;
2. Constância de uso semanal da rede social, incluindo publicações e *stories*;
3. Perfis que fizessem recortes de diversidade, abrangendo identidade de gênero, raça e orientação sexual.

Especialmente em relação ao terceiro critério, o de diversidade dentro da escolha dos perfis, consideramos que este proporciona a pluralidade de olhares sobre o objeto de estudo, através da utilização de diferentes discursos que nascem a partir das vivências individuais que cada perfil possui.

Sendo assim, os perfis selecionados foram:

1. O @arquivosfeministas é um perfil criado por um casal interracial, cisgênero e lésbico e apresenta o perfil com recortes de gênero, classe e raça a partir de duas diferentes visões, uma enquanto mulher branca, cis e lésbica e outra enquanto mulher negra, cis e lésbica, levantando questões diferentes de acordo com as opressões que sofrem.
2. O @genipapos é um perfil criado por uma pessoa indígena guarani que desistiu do gênero imposto a ela em seu nascimento e traz em seu perfil reflexões sobre imposição da binaridade de gênero, da monogamia, das monoculturas e da descolonização dos afetos.
3. O @vulvanegra é um perfil que se apresenta como o primeiro projeto feminista raiz e negro do Brasil sob a ótica do feminismo radical e antirracista, Yasmin, a criadora do perfil é uma mulher negra, cisgênero que apresenta as opressões que principalmente as mulheres negras são obrigadas a passar por conta do racismo estrutural que vivemos enquanto sociedade e, também, difunde o ensinamento do antirracismo através de suas reflexões.

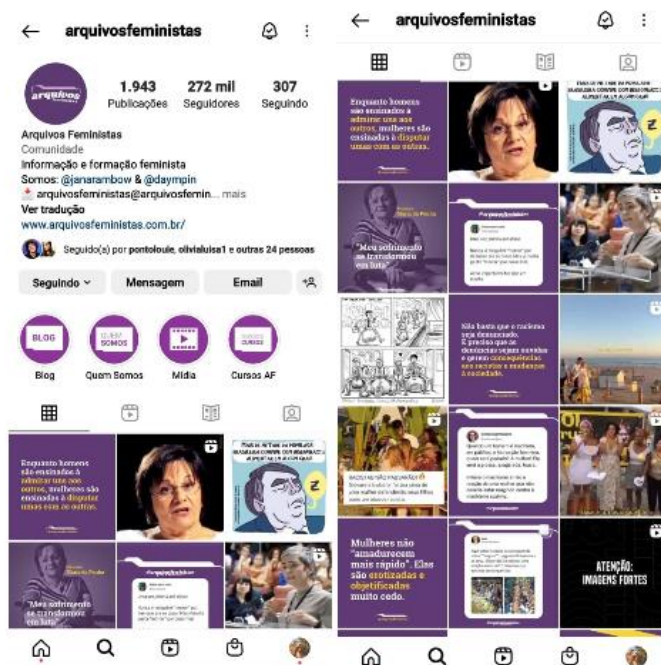
Foram escolhidos apenas três perfis considerando a viabilidade da pesquisa, de acordo com o tempo estipulado para ela.

A escolha dos perfis, para além da identidade visual e do engajamento, foi realizada com o objetivo de projetar a voz e dar visibilidade a esses perfis, para que eles possam alcançar cada vez mais pessoas, levando informação e viabilizando o reconhecimento de vivências abusivas dentro de suas relações.

2.3 – DESCRIÇÃO DO LINK DOS PERFIS ANALIADOS COM BASE NO TEMA ESCOLHIDO

O perfil @arquivosfeministas (Figura 9) foi idealizado por um casal lésbico interracial a @janarambow e @daympin, a Janaine Rambow (janarambow) é fundadora do perfil arquivos feministas, graduada em história e educadora com estudos sobre práticas inclusivas, debate multicultural e de gênero, enquanto a Dayana Pinto (daympin) é cofundadora do arquivos feministas, pedagoga com experiência em relações étnico-raciais e de gênero, trabalhando com diversidade, equidade e inclusão.

Figura 9 - Página inicial do perfil @arquivosfeministas no *Instagram*



Fonte: <https://www.instagram.com/arquivosfeministas/> Acesso em 12 ago. 2022.

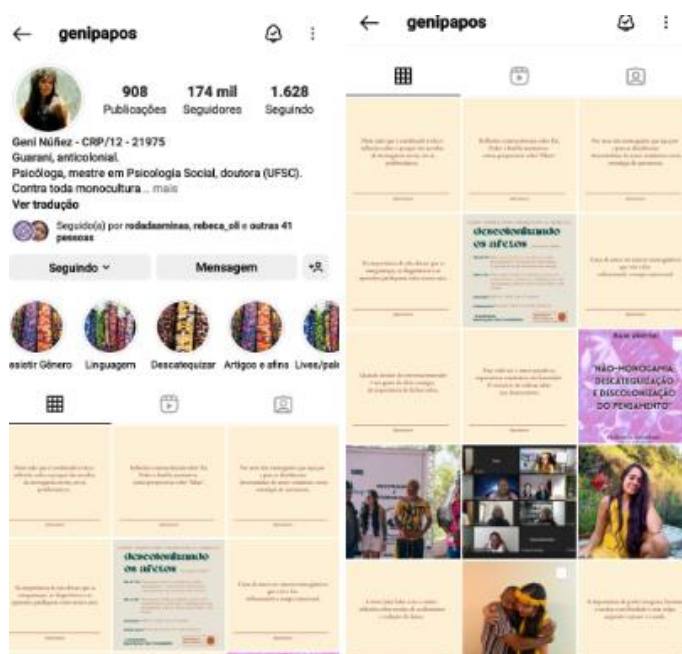
Janaine e Dayana experienciam situações diferentes a partir de suas identidades e trazem essas pluralidades para o perfil. Janaine expõe sua vivência enquanto uma mulher branca e lésbica enquanto Dayana para além da lesbofobia e do machismo que sofre junto com Janaine, é atingida também pelo racismo. Em seu destaque no *Instagram*, elas definem o perfil como uma plataforma de informação e produção de conteúdo, entregando conhecimento

didático e de qualidade para o empoderamento e autonomia de mulheres. (RAMBOW; PINTO, 2022)

A Arquivos Feministas possui, em setembro de 2022, 1943 publicações, 272 mil seguidores e segue 308 contas. O perfil enquanto vertente assemelha-se ao feminismo interseccional e suas publicações são de cunho informativo e reflexivo, discutem questões que são divulgadas pela mídia através de um olhar sensível e cuidadoso para com as mulheres em suas diferentes possibilidades de violências, seja racial, diversidade de gênero ou social.

O perfil @genipapos (Figura 10) foi engendrado por Geni Núñez Guarani, uma ativista indígena guarani, escritora, psicóloga e doutoranda em ciências humanas. Ela se apresenta como uma pessoa agênero, que entende o gênero como uma construção da colonização e do cristianismo.

Figura 10 - Página inicial do perfil @genipapos no *Instagram*



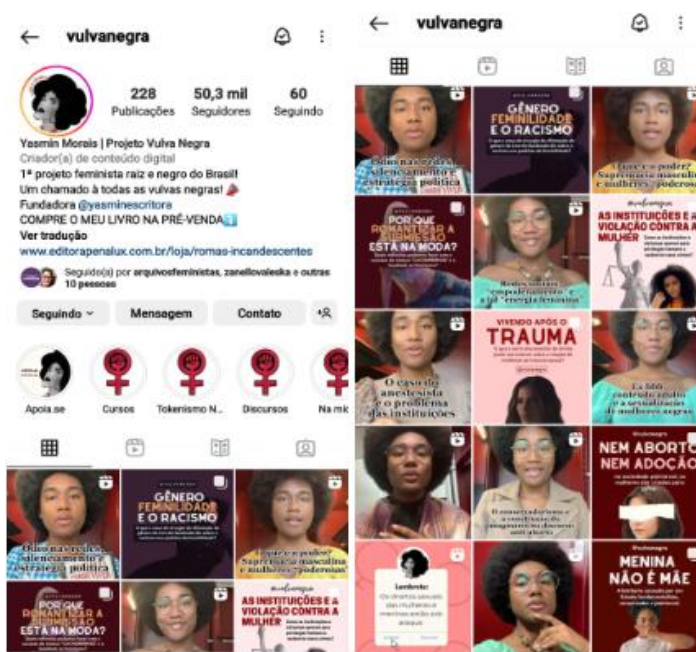
Fonte: <https://www.instagram.com/genipapos/> Acesso em 17 ago. 2022.

Geni também apresenta em seu perfil reflexões sobre a não-monogamia, desistência do gênero e das orientações sexuais, aborda o patriarcado, as monoculturas e a descolonização dos afetos, sua vivência traz uma lógica diferente sobre os relacionamentos abusivos e as violências que os cercam como uma consequência das relações patriarcais e monogâmicas que assola grande parte da população, é uma vivência diferente dos demais perfis pois nos mostra como o patriarcado pode ser o causador dos problemas nos relacionamentos.

O perfil conta, em setembro de 2022, com 908 publicações, 173 mil seguidores e segue 1629 contas, o perfil apresenta reflexões filosóficas e traz questionamentos que podem passar despercebidos durante uma vida inteira, como é o exemplo do modelo impositivo de regras monogâmicas e da crítica ao patriarcado. Geni apresenta também em seu perfil os efeitos do racismo e da colonização por pessoas brancas e cristãs na população e em especial, nos povos indígenas, Geni presenteia seus seguidores com as suas cuidadosas reflexões em suas postagens.

O perfil @vulvanegra (Figura 11) foi elaborado por Yasmin Morais, uma mulher negra, escritora, jornalista e atriz que criou o perfil direcionado para mulheres pretas a partir do desejo de fundar um projeto antirracista e feminista radical, Yasmin apresenta em seu perfil reflexões sobre racismo, patriarcado, sexualidade e situações abordadas pela mídia através de seus entendimentos.

Figura 11 - Página inicial do perfil @vulvanegra no *Instagram*



Fonte: <https://www.instagram.com/vulvanegra/> Acesso em 17 ago. 2022.

Yasmin a partir de suas vivências de uma mulher negra, expõe situações vividas e criou um ambiente de acolhimento pensado em mulheres negras, para que possam reconhecer as violências do racismo e do machismo através das informações e reflexões que ela apresenta nas suas publicações, Yasmin é muito ativa na rede social e dialoga ao máximo com seus seguidores, criando uma rede muito próxima de seus seguidores.

O perfil conta em setembro de 2022, com 228 publicações, 50,3 mil seguidores e segue 60 contas. Ela identifica o perfil com a vertente do feminismo radical e evidencia as questões

raciais como foco do perfil. O @vulvanegra discute ainda questões que são divulgadas pela mídia mediante o enfrentamento ao racismo por meio da divulgação de práticas antirracistas.

Os perfis estudados foram escolhidos estrategicamente para serem diversos e apresentarem diferentes vivências e opiniões, enriquecendo a análise e discussão das postagens. Além disso, espera-se que com este trabalho, com a divulgação destes perfis, propiciar ainda mais a visibilidade e engajamento deles, para que alcancem mais seguidores e possam, de alguma forma, intervir em possíveis situações de violência vivenciados pelos seguidores e seguidoras, os fazendo refletir e agir.

3. ANÁLISE DAS POSTAGENS DOS PERFIS

As postagens sobre relacionamentos abusivos e violências foram analisadas através de seis materiais digitais (publicações) apresentados pelos perfis @arquivosfeministas, @genipapos e @vulvanegra. As imagens, textos e comentários das postagens foram submetidos a uma análise qualitativa neste capítulo e tinham como finalidade responder à seguinte pergunta de pesquisa: os posts de perfis ciberfeministas possibilitam a diminuição da violência contra a mulher através do reconhecimento de um relacionamento abusivo e a uma educação sobre os direitos da mulher?

É importante salientar que todos os comentários analisados não serão divulgados em formato de imagem a fim de proteger a identidade dos sujeitos culturais, por este motivo, os comentários analisados serão transcritos exatamente iguais à postagem, inclusive com os possíveis erros gramaticais, vícios de linguagem e gírias.

Após a análise qualitativa das postagens, foram elencadas duas categorias de pesquisa: 1. Relacionamentos abusivos e 2. Violências. Eles foram utilizados como base para compreender as nuances de uma relação abusiva e seus efeitos, a fim de identificar possíveis comportamentos abusivos em diferentes perspectivas, especialmente nas relações monogâmicas e não-monogâmicas e as violências nas quais as vítimas de relações abusivas estão inseridas.

3.1 – RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

A concepção do que é um relacionamento abusivo está ancorada na violência psicológica e emocional, além da violência física e do controle da autonomia e da autoestima da vítima. (SANTOS; SANCHOTENE; VAZ, 2019). Desta forma, um relacionamento abusivo diz respeito à uma relação íntima entre o agressor e a vítima que, através da dominação e do uso de poder e da força, instaura uma relação abusiva, podendo esta ser realizada por qualquer vínculo que esteja em uma posição de hierarquia em relação à vítima ou exerça algum tipo de poder sobre ela, ou seja, pode se desdobrar dentro do vínculo familiar, acadêmico ou afetivo, mas em sua maioria, refere-se às relações amorosas.

A coerção e os diversos tipos de violências estão intimamente ligados à uma relação abusiva, que adoece à saúde psíquica das vítimas, dificultando o afastamento dessas relações.

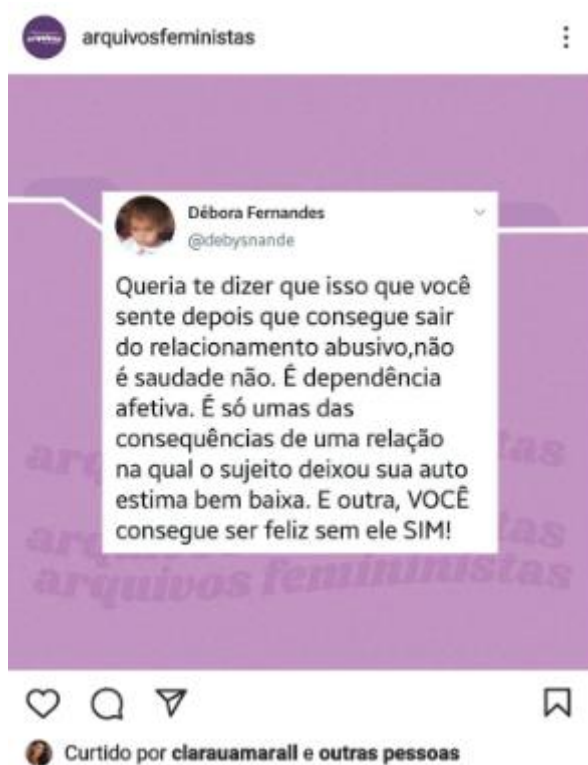
O controle financeiro, o afastamento familiar, o abuso sexual, a violência psicológica e a violência física são fatores que complexificam ainda mais a evasão desta situação.

O reconhecimento de uma relação abusiva nem sempre é fácil, a manipulação dos discursos do abusador promove uma certa “cegueira” nas vítimas, que imersas em discursos controladores acabam por não enxergar que vivem sob um relacionamento abusivo pois não se identificam enquanto vítimas tampouco parte de uma relação abusiva.

3.1.1 @arquivosfeministas

O perfil @arquivosfeministas fez uma postagem (Figura 12) em seu *Instagram* através de um tweet realizado pela Débora Fernandes. A Débora escreveu que após a saída de um relacionamento abusivo o que a vítima sente não é saudades, é dependência emocional e afetiva e que as vítimas podem ser felizes, incentivando-as. Na legenda do post, o perfil fala o quanto deve ser difícil para as vítimas passaram por isso nos “dias de hoje”, essa publicação foi feita no dia 30 de junho de 2020, auge da pandemia aqui no Brasil, fato que aumentou os casos principalmente de violência doméstica contra mulheres.

Figura 12 - Postagem sobre relacionamento abusivo



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CCEtGP5HQrt/> Acesso em 23 ago. 2022.

Essa postagem obteve cerca de 50 comentários e em um destes, uma seguidora comentou “9 anos ao lado de um cara que me diminuía intelectualmente a ponto de eu acreditar. Um dia, peguei minha filha e sai de casa. Isso foi 30/07/2019. Hoje, quase um ano depois, posso dizer que foi doloroso pacas. Os primeiros meses são dilacerantes, seu peito se abre e choro, ressentimentos, lágrimas e dor se misturam. Dói profundo. Mas a dor cura tb. Hoje, quando fecho a porta da minha casa, vejo minha filha brincando e com saúde, quando termina mais um dia após trabalho, tomo um banho, acendo um incenso de alecrim ou lavanda e vou me deitar com a pequena e as gatas, não sinto dor, sinto paz. E isso é maravilhoso.”(sic), outra seguidora comentou, “Estou passando por essa "saudade" no momento.. não tá fácil ☐” (sic) e obteve grande carinho de outras mulheres, que a responderam desejando forças e que passasse logo, outras comentaram que também estavam passando pela mesma situação, um outro comentário foi o seguinte: “Verdade!!! A gente demora pra entender isso, mas, quando passa, dá um maior alívio tão grande.” (sic), os demais comentários foram de seguidores marcando pessoas, comentando emoticons e se solidarizando com as vítimas.

Postagens que sugerem a libertação de um relacionamento abusivo auxiliam vítimas no enfrentamento da dependência afetiva a compreenderem que este é apenas um momento passageiro e que em breve este sentimento será substituído por outros, que não se correlacionam mais com o relacionamento vivido anteriormente, os comentários de apoio constituem uma rede na qual a vítima pode se apoiar, proporcionando um ambiente de entendimento, aceitação e sororidade.

3.1.2 @genipapos

Geni fez uma postagem em seu *Instagram* (Figura 13) sobre as características de um relacionamento abusivo dentro das relações não monogâmicas trazendo o afastamento da vítima de parentes, familiares e amigos como forma de controle como uma das maiores características das relações abusivas. Geni discute quão violentos podem ser tanto o afastamento da família e dos amigos quanto o afastamento da afetividade e da sexualidade dos indivíduos que vivem em uma relação poligâmica.

Figura 13 - Postagem sobre relações abusivas não monogâmicas



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CZXCsvGrv3Q/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D> Acesso em 25 ago. 2022.

A postagem foi realizada no dia 30 de janeiro de 2022 e obteve 226 comentários, dentre eles uma seguidora comentou “me fez lembrar uns quadrinhos de circularam muito há pouco sobre um pássaro em que via apaixonado por alguém que lhe dizia q ele teria que cantar só pra ele e mostrar suas asas só p ele. Aí o pássaro não aceita. Todos os comentários e até a descrição falava q se tratava de uma relação abusiva sendo q não se trata de nada diferente do que uma relação monogâmica. Mas é tão difícil as pessoas se darem conta disso...” (sic), um seguidor logo após comentou o seguinte: “Em Minha Perspectiva N-Mono, a maior dificuldade que estou desconstruindo é de que o outro tem sim relações de afeto além da minha e que ele pode expressar essas relações na minha frente, afinal isso aqui não é uma competição, e sim uma troca de afeto, como você mesma disse no texto, "você impedir que o outro sinta afeto sincero é interferir diretamente na formação de novas rodas de distribuição de carinho gratuito e verdadeiro" □□□□” (sic), uma outra seguidora respondeu: “E relacionamento aberto pode ser abusivo tb quando uma das partes aceita isso apenas pra não perder o parceiro!” (sic)

Essa postagem trouxe grande reflexão para os seguidores de Geni, que em sua maioria, se identificam enquanto pessoas não monogâmicas, mas que acreditavam por um momento que o cerceamento das relações era uma característica exclusiva da monogamia, a postagem os faz analisar os possíveis requintes abusivos dentro também, de relações poligâmicas, que realizam o afastamento de outras relações afetivo-sexuais dos indivíduos com os quais eles se relacionam.

3.1.3 @vulvanegra

O perfil @vulvanegra aborda o relacionamento abusivo através da ótica racializada, em uma postagem (Figura 14) sobre os relacionamentos abusivos, Yasmin fala sobre como a hierarquia patriarcal controla os corpos femininos, em que a mulher é apenas objeto de satisfação emocional, social e sexual do homem, principalmente para mulheres negras, que devido às construções patriarcais e racistas, tornaram-se domesticadas e desprezadas no âmbito afetivo e sexual dos seus relacionamentos, presas a relações hostis.

Figura 14 - Postagem sobre mulheres negras & relacionamentos abusivos



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CKmoiDBnOgc/> Acesso em 23 ago. 2022.

A postagem foi realizada em 28 de janeiro de 2021 e obteve cerca de 10 comentários somente, mas as pessoas que comentaram trouxeram informações importantes, uma seguidora comentou: “Caramba é doido como um texto pode mexer muito com você, hoje conversando com um amigo percebi que tive um relacionamento abusivo, algo que não tinha notado até então, estava em um relacionamento em que poderia ter sido agredida fisicamente, mas certeza que fui agredida de forma psicológica, tanto que não me lembrava de tantas coisas” (sic), outra seguidora comentou: “A muitos anos, ainda na adolescente, eu ouvi uma frase de um menino branco que foi infelizmente inesquecível: "eu sempre vou atrás das meninas negras pq percebo que elas são mais carentes, não tenho chances com um branquinha bonita". Não à toa, alguns anos depois várias algumas garotas negras se juntaram para fazer denúncias de abuso sobre esse rapaz.” (sic) e, um seguidor comentou: “Muito do universo feminino, eu conheci graças minha namorada, e cara, desconhecia muito, sobre o que é respeito em relacionamento. A mãe da minha filha é negra, já tive outros envolvimento com negras, mas o respeito veio. Nesse relacionamento. Minha deusa de ébano, conseguiu me fazer evoluir, e crescer em dois anos, o que não amadureceu com 28.” (sic)

Essa postagem, embora não tenha tido muitos comentários, obteve alguns muito importantes para validar o questionamento dos relacionamentos abusivos vividos por mulheres negras, uma das vítimas não tinha sequer reconhecido que vivia uma relação abusiva e a outra, ouviu que um abusador preferia mulheres negras porque eram mais “carentes” segundo ele, já o homem que comentou na publicação percebeu que não havia tido respeito em suas relações anteriores e somente agora, em um novo relacionamento conseguiu evoluir para não ser mais desrespeitoso.

3.2 - VIOLÊNCIAS

A violência, segundo Minayo (2008) é um problema social e histórico que utiliza privilégios, posições de poder e força a fim de dominar e provocar agravos ao outro, a si mesmo e/ou a grupos sociais. Desta forma, as violências são como armas de poder que coagem e subordinam as pessoas, especialmente as que vivem sobre um sistema patriarcal, que coloca o homem em uma posição de poder enquanto chefe de família, proporcionando um ambiente hostil e possivelmente violento.

Neste tópico, falaremos sobre alguns tipos de violências, abordados pelos perfis selecionados e verificaremos como os seguidores responderam às publicações. Devemos

salientar que existem muitos tipos de violências e que apenas dois foram abordados neste trabalho, a violência sexual e a violência racial.

3.2.1 @arquivosfeministas

O perfil realizou uma postagem (Figura 15) trata de um *tweet* escrito por Jéssica Balbino, compartilhado pelo *Instagram* @arquivosfeministas a fim de dialogar com os seguidores do perfil através de um questionamento principal se os sujeitos culturais já sofreram violência sexual e só perceberam muito tempo depois, a postagem obteve grande engajamento no perfil e reverberou positivamente.

Figura 15 - Postagem sobre violência sexual



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CUaGisDrC9I/> Acesso em 22 ago. 2022.

A violência sexual, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) é todo ato sexual não desejado ou realizado por meio de coerção, ações de comercialização ou utilização da sexualidade não consentidos também são consideradas violências sexuais. (KRUG et al, 2002). Esse tipo de violência, além de ser considerado um crime brutal, gera danos irreparáveis nas vidas das vítimas, são danos físicos e psicológicos que podem perdurar a vida inteira, a denúncia nem sempre é realizada pelo medo de enfrentar o agressor na justiça, as coerções realizadas durante a violência podem tornar a denúncia mais difícil de ser realizada e desabafar com psicólogos ou com uma rede de apoio, pode tornar um pouco mais leve para a vítima.

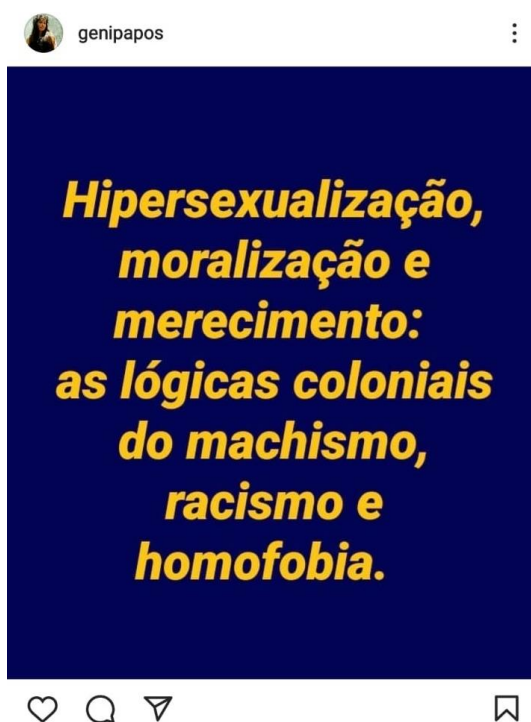
A Figura 15, publicada no dia 29 de setembro de 2021, foi curtida por mais de 300 pessoas e obteve grande mobilização nos comentários, uma seguidora respondeu à publicação dizendo: “Sim, demorei anos pra entender a gravidade dos fatos” (sic), outra seguidora comentou “Sofri aos 4, entendi aos 12. Hoje tenho 25 e transformei minha dor em luta, através dessa página, do meu trabalho, dos meus estudos e do meu ativismo” (sic), nesta mesma publicação uma seguidora comentou “Sim, do meu ex marido, ele forçava tanto a barra qnd eu não estava com vontade, que eu, para acabar logo, simplesmente ficava paralisada, enquanto isso ele fazia o que tinha que fazer com meu corpo imóvel. Depois ainda me ofendia, dizendo que eu não servia nem para ele “trepar” direito, que parecia um cadáver.” (sic)

Essa publicação obteve 326 comentários, incontáveis foram as respostas que diziam “Sim” ou “Já”, a publicação gerou inconscientemente, um ambiente favorável em que as vítimas se sentiram à vontade para que pudessem comentar na postagem expondo seus sofrimentos. A violência sexual neste contexto foi abordada por vítimas de agressores intra e extrafamiliar.

3.2.2 @genipapos

O perfil da Geni realizou uma publicação (Figura 16) que abordava a hiper sexualização através da lógica do merecimento, Geni discorreu sobre o merecimento como eixo central das opressões, reduzindo e anulando agressões, a autora ainda trouxe um assunto que sempre surge quando tratamos de violências sexuais, a roupa da vítima como fator de merecimento para o abuso sexual.

Figura 16 - Postagem sobre violências e o merecimento



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CBq92YvH9N2/> Acesso em 25 ago. 2022.

A postagem foi realizada no dia 20 de junho de 2020 e obteve 30 comentários, muitos comentários com emojis de coração e outros aplaudindo a publicação, mas dentre estes um comentário de uma seguidora se destacou, ela disse “Passei meses a ouvir de mulheres brancas que "eu permiti e concordei" ser discriminada por um cara escroto branco. gentxy como assim? É muito perversa essa racionalidade de merecimento....” (sic), e outras seguidoras comentaram: “Outro texto pontual que atravessa abrindo vários caminhos.” (sic), “Aprendo muito com você. Muito obrigada por compartilhar tantos saberes □□□.” (sic).

Ao analisar a postagem, é possível perceber que diversas mulheres se identificaram enquanto vítimas de um discurso muito doloroso que pauta as violências como merecimento e as reduzem enquanto indivíduos, como se a roupa que uma mulher usa a fizesse merecer ser estuprada ou beijar uma pessoa do mesmo sexo em público como o merecimento para sofrerem homofobia, bifobia ou lesbofobia. Suscitar debates que trazem o merecimento enquanto pauta para agressões é transformar a forma com que o público enxerga as violências.

3.2.3 @vulvanegra

O perfil realizou uma postagem que relacionava o caso Nego do Borel, a pedofilia e o aliciamento de crianças e adolescentes (Figura 17) configurando violência psicológica, hiper

sexualização, pedofilia e favorecendo um ambiente propício para a violência sexual e física de meninas e mulheres.

Figura 17 - Postagem sobre a violência sexual e a pedofilia



Fonte: https://www.instagram.com/p/CJ_5jEZnzZo/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D Acesso em 25 ago. 2022.

O caso do Nego do Borel foi um processo em que suas duas ex-namoradas o acusaram de diversos abusos e violências contra elas, ambas possuem cerca de 10 anos de diferença do agressor. A autora do texto relaciona este caso com a cultura pedófila e patriarcal, a hipersexualização infantil e a erotização feminina precoce.

A publicação foi realizada no dia 13 de janeiro de 2021 e obteve 96 comentários na postagem, uma das seguidoras comentou: “Sempre me sinto muito sozinha quando entro em discussões acerca de meninas se relacionando com homens adultos ou até mesmo com diferenças discrepantes entre a idade de uma mulher e um homem em um relacionamento. A sociedade normaliza muito e é custoso fazer até com que os próprios pais percebam o quanto isso é problemático. Eu procuro sempre alertar as minhas amigas, mães, as meninas da minha família, alunas, etc de tudo isso. É uma pauta urgente a ser discutida.” (sic), outra seguidora comentou: “Conheço vários que tem esse costume de só se envolver o menor, a justificativa é pra moldar o carácter e conseguir o que quiser. Pois mulheres mais velhas são mais ligadas e difícil de aceitar o que eles querem. Já tive muitas brigas por conta disso pois acho abusiva e horrível essa prática.” (sic), outra seguidora comentou: “FINALMENTE! Eu tava impressionada c ninguém achando nada demais esse homem transando c adolescentes. Tanta gente criticando as duas. Elas foram vítimas, isso sim.” (sic)

Nego do Borel manteve relações com menores de idade, usando da coerção, de ameaças, violências psicológicas, físicas e morais contra as jovens e apresenta uma “preferência” por meninas mais jovens, essas que por desconhecerem o funcionamento de uma relação saudável, são vítimas de agressores como Nego do Borel, que além de homem é também uma pessoa famosa, um agravante para o uso do poder dominante contra as vítimas.

Essa postagem foi necessária para o reconhecimento de um problema que perdura há anos: a violência sexual que permeia as relações abusivas advindas do aliciamento e manipulação das vítimas. A diferença discrepante de idade em relacionamentos abusivos escancara as violências que as jovens estão sujeitas por terem sido constantemente erotizadas e manipuladas desde jovens. Muitos sujeitos culturais refletiram, agradeceram a autora e compartilharam suas vivências.

3.3 – CATEGORIAS DE ANÁLISE

As postagens analisadas foram escolhidas com a intencionalidade de enfatizar as nuances de uma relação abusiva e como as violências raciais e sexuais estão ligadas a estes relacionamentos. Os três perfis abordam as características dos assuntos estudados por diferentes óticas, visto que possuem vivências, identidades e saberes distintos e, conseqüentemente, opiniões diversificadas.

Para além da análise de materiais, serão julgados também a identidade visual dos perfis e das postagens. Segundo Rossi (2015, p. 133), “Identidade visual é um sistema de signos criado, organizado e disposto segundo critérios e princípios que visam representar, caracterizar e comunicar a identidade visual da marca.”, desta forma, a identidade visual proporciona a identificação de serviços, marcas ou produtos por meio dos elementos visuais, atribuindo personalidade às marcas.

3.3.1 - Análise das postagens referentes aos relacionamentos abusivos

Ao analisar o tópico 3.1.1, referente a publicação sobre relacionamento abusivos, é possível verificar que o perfil @arquivosfeministas correlata uma relação abusiva à uma dependência emocional, a vítima, por vivenciar uma relação doentia tem sua autoestima inferiorizada constantemente, levando-a para a dependência emocional. O perfil aponta a dificuldade que as vítimas encontram de se desvencilhar de uma relação como esta, e na legenda da postagem as autoras incentivam as vítimas a serem fortes e reiteram que não tem como viver em um relacionamento que machuca e coloca uma das partes para baixo.

Os comentários desta postagem foram de identificação e de apoio, a seguidora que informou ter sido vítima do abuso intelectual disse que agressor a diminuía tanto, que ela chegou a acreditar e logo em seguida, deu seu relato em forma de apoio para outras vítimas, informando que ela sofreu muito para sair dessa relação, mas conseguiu e hoje sente apenas paz, outras seguidoras comentaram que estão sofrendo ainda com a dependência emocional atualmente e foram acolhidas por outras.

Uma relação doentia manipula a vítima para que ela se sinta presa à relação, de forma violenta, inferiorizando-a intelectual, física e mentalmente. O agressor manipula a mente da vítima transformando-a em refém do relacionamento, pois sente medo de deixar o agressor e não ser bem-sucedida, não conseguir se reaproximar de seus amigos e familiares, não conseguir um emprego ou uma faculdade e até mesmo, de não conseguir outro relacionamento, posteriormente. Segundo Minayo (2008), essa dependência emocional nos relacionamentos abusivos pode ser caracterizada como abuso psicológico, pois refere-se a agressões verbais ou gestuais que humilham, rejeitam e aterrorizam a vítima para que ela tenha a liberdade individual restringida.

Esta postagem leva à uma situação de identificação, na qual o indivíduo que vive uma relação de abuso psicológico entra no perfil, verifica a postagem e lê os comentários, se identifica com a violência descrita no *post*, entendendo que não está sozinho e que outras pessoas vivenciaram isso em outros momentos de suas vidas e desta forma, uma rede de apoio começa a tomar forma e a identificação pode levar uma pessoa a se desvencilhar de uma relação abusiva.

No que se refere à identidade visual, o perfil @arquivosfeministas possui como cor principal o roxo e a logotipo é o próprio nome do perfil, na postagem 3.1.1 em específico, embora haja como foco principal da postagem um *tweet* de outra pessoa, o perfil inseriu por trás a cor roxa, utilizada nas demais postagens para dar continuidade à sequência de postagens do perfil e a logomarca, @arquivosfeministas abaixo da imagem.

O tópico 3.1.2, também referente aos relacionamentos abusivos, postado pelo perfil @genipapos, relaciona características de uma relação abusiva em relações poligâmicas, assunto pouco falado quando se refere a estas relações, em que a relação não é somente a dois e possui acordos específicos pactuados pelos participantes da relação. Geni aborda sobre o controle das relações através do afastamento intra e extrafamiliar, bem como o afastamento da sexualidade e intimidade da vítima para com outras pessoas. Uma seguidora comentou sobre um pássaro

que só podia mostrar suas asas para uma pessoa e informou que é pouco comentado sobre essa situação dentro das relações não monogâmicas, que também podem ser abusivas.

De certa forma, esse controle afetivo-sexual nas relações não monogâmicas também gera dependência emocional, tal como o tópico 3.1.1, visto que, ao afastar a vítima de suas demais relações, a torna tão dependente quanto uma vítima de um relacionamento monogâmico, pois o abusador continua detendo o poder e a abusando psicologicamente e a afastando de suas outras relações.

Embora não seja tão comentado sobre os impactos que as relações abusivas possuem nos contextos não monogâmicos, é importante visibilizar essas violências ocorridas no interior das relações para que as vítimas possam reconhecer a violência dentro de relações que elas consideravam até então, saudáveis. Uma das seguidoras desta postagem comentou que é uma relação abusiva também quando é aceita uma relação aberta somente para não perder o seu parceiro, sendo esta uma característica também da dependência emocional, vista no tópico anterior.

No que se refere à identidade visual, as demais postagens do perfil @genipapos seguem a mesma paleta de cores, um bege e tons de rosa claro, praticamente todas as postagens possuem uma frase impactante na imagem, seguida do @genipapos, logotipo do perfil e a legenda, que explica a imagem. Nesta postagem a cor de fundo é um rosa claro, com a frase na imagem “Algumas características de relações abusivas em uma perspectiva não monogâmica” em rosa escuro.

O tópico 3.1.3 aborda as relações abusivas por uma ótica racializada, que também, como o tópico 3.1.1 e 3.1.2 traz nuances de dependência emocional como característica de um relacionamento abusivo, que na perspectiva da autora, devido à construção histórica patriarcal, machista e racista da sociedade, as mulheres pretas são constantemente inferiorizadas.

O desprezo afetivo e a inferiorização da autoestima, gera um isolamento nas relações interpessoais da vítima, fazendo-a se distanciar de familiares e amigos, colocando-a em uma bolha com seu abusador, o mesmo que a inferioriza e despreza, criando um ambiente e uma relação de dependência emocional, tal como os tópicos anteriores.

Em um dos comentários da postagem realizada pelo perfil @vulvanegra, uma seguidora comentou que conhecia uma pessoa que dizia só se relacionar com mulheres negras porque essas eram mais carentes, isso assevera a postagem da autora, que afirma que mulheres pretas tendem a ser emocionalmente isoladas por seus abusadores, que as colocam em uma situação de desprezo afetivo, sexual e emocional.

No que se refere à identidade visual do @vulvanegra, nas últimas postagens a autora utilizou tons de vermelho em seu perfil, tanto no fundo de vídeos quanto no fundo das imagens. A imagem da postagem em específico é um design mais antigo, o fundo é rosa claro, com o @vulvanegra no início da postagem e logo em seguida, o título da imagem em caixa alta escrito “Mulheres negras & relacionamentos abusivos” abaixo deste título, três mulheres com diferentes tons de pele, abordando indiretamente o colorismo, que se refere à várias tonalidades da pele negra.

Em ambas as postagens dos perfis, embora tenham vivências diferentes, os três abordam uma das características de uma relação abusiva similarmente. A postagem do perfil @arquivosfeministas aborda a dependência emocional e afetiva como parte de uma relação abusiva, @genipapos traz a partir da não monogamia, o cerceamento das relações afetivas da vítima também como dependência emocional do parceiro, mesmo que em uma relação não monogâmica e, @vulvanegra através da inferiorização racial e da autoestima, o isolamento e dependência emocional nos relacionamentos afetivos da vítima, a inserindo também em um contexto abusivo.

As identificações nos comentários são dolorosas porque é visto que muitas pessoas se identificam com a situação, vivenciaram ou conheceram alguma vítima de relacionamento abusivo. É importante salientar que as vítimas se isolam porque são manipuladas pelos discursos dos abusadores, seja em uma relação monogâmica ou não.

3.3.2 - Análise das postagens referentes às violências

Ao analisar o tópico 3.2.1, referente às violências sexuais, nos deparamos com uma postagem muito sensível, que optou por tratar desse assunto questionando se os seguidores da página já haviam sofrido violência sexual em algum momento de suas vidas e só perceberam momentos depois, a postagem não é sugestiva para relacionamentos afetivo-sexuais, mas os comentários referentes aos abusos dentro destas relações, aparecem vultuosamente.

As violências sexuais, conforme dito no tópico pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é todo ato sexual não desejado ou realizado por meio de coerção, ações de comercialização ou utilização da sexualidade não consentidos também são consideradas violências sexuais. (KRUG et al, 2002). Desta forma, é necessário reafirmar que as violências sexuais se referem a todo ato sexual não desejado, incluindo toques e masturbações que foram efetuados por meio de coerção, uso da força física ou psicológica, incluindo a manipulação e, sendo estes praticados intra ou extrafamiliar.

A violência sexual é atravessada pela violência física, moral e psicológica e causa danos irrecuperáveis na vida das vítimas. Esse tipo de violência, embora seja mais comum em relações familiares, é também uma característica das relações abusivas, que por meio da coerção e manipulação, inferiorizam os corpos das vítimas as incentivando a realizar atos sexuais indesejados.

O tópico 3.2.1 tem um comentário que merece atenção, uma seguidora comentou que foi violentada pelo seu ex-marido que a forçava a manter relações sexuais com ele mesmo sem ela sentir vontade, e, numa tentativa de acabar logo com aquela relação, ela ficava paralisada enquanto ele satisfazia suas próprias vontades, ao finalizar, ele a humilhava e dizia que ela não servia nem para transar. Em relações abusivas, relatos como o da seguidora são muito comuns e, enquanto a vítima está dentro dessa relação, não consegue se visualizar em um contexto abusivo. A seguidora, embora hoje reconheça ser vítima de violência sexual, talvez não se dê conta de que também foi vítima da violência física, pois teve seu corpo agredido, e da violência psicológica, pois o abusador continuava a manipular suas ações por meio da inferiorização.

Neste mesmo tópico, no que se refere à identidade visual da página, segue a mesma lógica do tópico 3.1.1, um *tweet* com um fundo lilás e cores adjacentes, além do @arquivosfeministas na imagem, seguindo o mesmo padrão adotado pela página nas demais postagens.

O tópico 3.1.2 aborda questionamentos que cotidianamente aparecem quando uma vítima da violência sexual denuncia um abuso, são questões que trazem à dúvida para a vítima, em que ela é o ponto que atraiu o abusador por conta de uma conduta ou vestimenta. Discursos como estes são tão violentos quanto um abuso pois continuam culpabilizando a vítima, que não tem culpa alguma.

Em 9 de dezembro de 2014, o então deputado federal Jair Bolsonaro, durante uma sessão da Câmara dos Deputados, violentou Maria do Rosário quando disse a ela que ela não “merecia” ser estuprada, no dia seguinte reiterou que não a estupraria porque ela era “muito feia” e porque ela não fazia seu “gênero”. (SINDICAL, 2018). Discursos como os citados acima endossam a violência de gênero e sexual quando diz que uma mulher merece ser estuprada.

O estupro não é merecimento em hipótese alguma, a culpa de um abuso sexual nunca é da vítima, mas sim do estuprador. Geni afirmou isso várias vezes na postagem analisada, um dos exemplos que ela usa durante sua explicação na legenda da postagem é referente ao uso da roupa, que não é um convite nem mesmo uma aceitação para a violência.

Em relacionamentos abusivos a lógica do merecimento é ainda mais presente. Uma vítima de estupro conjugal tem seu depoimento posto em prova pois caso a vítima dentro de uma relação afetiva, afirme que foi abusada sexualmente, seu testemunho é descredibilizado devido a sua relação romântica com o abusador, e, desta forma, as vítimas passam por um processo de interiorizar que mereceram passar por uma situação violenta devido à relação em que estavam inseridas, por este motivo, abusos sexuais dentro de relações afetivo-sexuais dificilmente são credibilizadas.

O tópico 3.2.3, trata em específico da violência sexual em contextos abusivos. A postagem refere-se ao caso do cantor Leno Maycon Viana Gomes, mais conhecido como Nego do Borel e sua ex-noiva Maria Eduarda Reis Barreiros, conhecida como Duda Reis. A vítima se relacionou com Leno durante três anos e foi seu segundo namorado, com 10 anos de diferença entre os dois.

A postagem realizada pelo perfil @vulvanegra correlaciona o relacionamento abusivo vivido por Duda, às violências sexuais e a erotização precoce de meninas, que por serem ainda muito jovens, foram expostas a abusadores que utilizam de sua ingenuidade para manipular, agredir e forçar a vítima a realizar os seus desejos. Em contextos abusivos, a vítima que é jovem, vítima da pedofilia, aliciamento e erotização infantil, é inserida em uma relação na qual o agressor detém do poder e controla todas as suas outras relações e, por estar imersa em uma relação abusiva com tão pouca idade, o reconhecimento de uma relação abusiva se dá tardiamente.

A violência sexual nestes casos é silenciosa, especialmente por estar dentro do contexto afetivo, Duda Reis em uma entrevista para o Fantástico (2022) informou ter sido vítima de violência sexual enquanto estava dopada de remédios prescritos por um psiquiatra, Nego do Borel manteve relações sexuais com ela enquanto ela ainda estava sedada. Manter relações sexuais com uma pessoa inconsciente é abuso.

As postagens analisadas pelos perfis citados trouxeram nuances da violência sexual, em diferentes postagens. A postagem do perfil @arquivosfeministas estabeleceu uma conexão de conversa entre a autora da postagem e seus seguidores, criando um ambiente seguro para compartilhar momentos de sofrimento, o perfil @genipapos debateu sobre a relação entre merecimento e abuso sexual, em que muitas vítimas têm sua denúncia e sua voz renunciadas a lógica do merecimento proveniente de uma hiper sexualização, o perfil @vulvanegra aborda, através de um caso noticiado pela grande mídia, sobre o aliciamento e manipulação como ferramentas da violência sexual.

Ambas as postagens refletem nos comentários analisados, mulheres que se identificaram enquanto vítimas, inclusive de discursos que reiteram violências, como o do chefe de Estado Jair Bolsonaro, que dizia que uma mulher merecia ser estuprada. As autoras e as seguidoras expõem situações íntimas para ancorar o embasamento de que ninguém, em nenhuma hipótese, merece ser estuprada nem violentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão do ser mulher foi estabelecida em discursos patriarcais, subjugando as capacidades das mulheres ao longo de vários momentos da história. As mulheres, que apesar de uma luta intensa e da garantia de direitos que alcançaram aos longos dos anos, como o direito ao voto, ao trabalho remunerado e a equiparação aos direitos civis na Constituição Federal de 1988, ainda vivem em posições subordinadas aos homens e ainda são vistas enquanto posse de seus cônjuges.

Desta forma, o acesso ao feminismo, sua história, conquistas e lutas são necessárias para que o movimento seja perpassado para as gerações seguintes, possibilitando a garantia de informar meninas e mulheres acerca da importância que o movimento tem na manutenção e garantia dos direitos civis e sociais das mulheres.

Entretanto, a sociedade contemporânea vive cercada pelas novas mídias, e nelas, há um conjunto de mensagens culturais que determinam como o sujeito pensa e se relaciona com o restante do mundo (BITARELLO; BRAZ; CAMPOS, 2011). Os sujeitos culturais da atualidade se relacionam de forma direta com as redes sociais para dialogar, pesquisar e divulgar coisas ou pessoas.

Tendo isso em vista, o presente trabalho buscou unir o acesso e informação ao movimento feminista utilizando das redes sociais como linguagem para propagação do conhecimento sobre os direitos da mulher. Dito isto, o *ciberfeminismo* tornou-se um caminho para a educação e instrução de meninas e mulheres nas redes sociais e em especial, no *Instagram*, devido a popularização mundial que a rede social possui.

O objetivo geral deste trabalho foi examinar a plataforma do *Instagram* através de três perfis selecionados, apontar os que tratassem em suas postagens as violências cometidas contra mulheres, especialmente no interior de relações abusivas, analisar os materiais digitais produzidos pelos perfis e a resposta do público. Para tanto, foram analisados de forma qualitativa elementos como: a identidade visual dos perfis; a quantidade de seguidores; e o relacionamento dos perfis com os seus seguidores e suas interações.

Reconhece-se que 27% das mulheres entre 15 e 49 anos relataram já terem sofrido em algum momento da vida, violência física e/ou sexual de seus parceiros (SARDINHA; MAHEU-GIROUX; STÖCKL; MEYER; GARCÍA-MORENO, 2022). Estes dados apresentam informações que validam a escrita deste trabalho e se relacionam diretamente com

as análises das postagens no que se refere à prevalência da violência sexual dentro de relacionamentos abusivos.

Após a análise das publicações, os resultados obtidos nos alertam que existe, na atualidade, um padrão nos princípios que regem uma relação abusiva, dentre elas estão o controle, posse e dominação da vítima, especialmente no ataque a autoestima e estímulo a dependência emocional e afetiva, além do silenciamento das vítimas nas relações abusivas, do afastamento dos ciclos familiares e da manipulação que corrobora para a perpetuação da violência nessas relações.

Diante de todos os comentários analisados é possível aferir que as vítimas passam por momentos de manipulação de pensamento e atitudes, que diminuem a autoestima e as prendem na dependência emocional da relação. As postagens possuem comentários muito próximos e os apontados neste trabalho, receberam curtidas e alguns foram respondidos por outros seguidores.

De acordo com um estudo realizado pela Organização Pan-americana da Saúde (Opas) em 12 países da América Latina e Caribe, envolvendo 228.143 mulheres, no ano de 2011 no Brasil, em 70% dos registros de atendimentos realizados em mulheres vítimas da violência, o local do evento foi a própria casa da vítima. A violência provocada por parceiro íntimo em casos de abuso sexual foi em 11,7% das entrevistadas. [...] Em um estudo multicêntrico, a OMS encontrou que entre 6,0 a 59,0% das mulheres em todo o mundo sofreram abuso sexual cometido pelos parceiros. (ROSA; RAMOS; GOMES; MELO; MELO, 2018).

A violência sexual é muito presente nas relações afetivo-sexuais entre parceiros íntimos, embora algumas situações não sejam percebidas como abuso devido a manipulação estipulada pelo abusador. Ainda hoje, popularizar o entendimento de que mulheres casadas ou com namoros longos não são obrigadas a se relacionar sexualmente com os seus parceiros é extremamente delicado, entenderem que manter relações sem vontade, ser obrigada a realizar o ato alcoolizada, dormindo ou dopada de remédios também é abuso não é simples e mascara a violência sexual dentro das relações amorosas. Diante disso, as postagens analisadas neste trabalho são de grande valia pois inserem no imaginário do indivíduo características e particularidades de uma relação tóxica e da violência que a cerca.

Diante do exposto, o presente trabalho pode abrir portas para novos caminhos dentro da educação, inclinado a contribuir para a disseminação do movimento feminista no âmbito de perfis ativistas nas redes sociais de grande alcance, na luta para garantir a emancipação e

liberdade feminina, construindo um caminho mais acessível ao conhecimento e as informações, utilizando as tecnologias como linguagens possíveis para trilhar essa jornada.

Este trabalho pode ser explorado nas mais diversas áreas: na academia, por incentivar pesquisas que utilizem a rede social como ferramenta para acesso à educação; nas escolas públicas e privadas de ensino, para trabalhar questões de gênero, diversidade e direitos humanos, entendendo as crianças e jovens como agentes ativos de transformação da sociedade; nas famílias para auxiliar na assimilação da importância das redes enquanto meios potentes de comunicação e informação e, também fortalecer a individualidade/subjetividade das jovens meninas e mulheres, para que caso estejam inseridas, possam reconhecer o ciclo da violência e se libertar dele.

"Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas" (HOOKS, 2017. p.103). O trabalho de conclusão de curso surge de uma experiência pessoal que eu decidi transformar em motivação, para que outras pessoas possam, assim como eu, encontrar em uma rede social o sentimento de pertencimento, ter de volta a identidade que fora roubada e possam construir uma rede de apoio. Este trabalho é o marco inicial na minha vida de pesquisadora, pretendo continuar estudando gênero, diversidade, violência, redes sociais e as diferentes formas de comunicação no contexto digital, para que através dos meus trabalhos, parte da revolução feminista esteja com outras mulheres.

O presente trabalho obtém ainda grande importância para a educação, principalmente no que se refere ao uso das mídias, com o propósito de auxiliar na reflexão dos direitos fundamentais às mulheres. No capítulo um, foi exibido uma linha do tempo sobre as conquistas dos direitos das mulheres ao longo dos anos e, logo em seguida, a representação feminina nas mídias tradicionais. Este trabalho visa também contribuir na compreensão da importância de se educar para a mídia, para que as mulheres não sejam mais representadas em papéis vexatórios e indignos ou tenham seus corpos expostos em propagandas e veículos de notícias como inferiores aos homens, reforçando discursos machistas e conservadores.

No entanto, espero que a pesquisa continue, que este trabalho seja motivação para as mulheres cientistas e pesquisadoras que virão depois de mim, que continuem pesquisando as possibilidades e caminhos do ciberativismo no combate ao machismo e ao patriarcado, na educação para os direitos humanos e para que originem ferramentas de acesso ao conhecimento e combate às violências.

REFERÊNCIAS

7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/feminismo/>. Acesso em: 07 jun. 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. São Paulo: Brasiliense, 1981. 80 p.

ANSCHAU, Quéli Flach. AS CONTRIBUIÇÕES FEMINISTAS À PROTEÇÃO SOCIAL NO ESTADO CAPITALISTA. 2020. 200 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/221999/PGSS0258-T.pdf?sequence=-1 & isAllowed=y>. Acesso em: 28 jun. 2022.

BISOL, Ana Lídia Weber. Representações de gênero na publicidade turística. In: FUNCK, Susana Bornéo. WIDHOLZER, Nara. (org.). Gênero em discursos da mídia. Florianópolis:Ed. Mulheres. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

BITARELLO, B.; BRAZ, André P. N; CAMPOS, J. L. Lev Manovich e a lógica digital: Apontamentos sobre a linguagem da nova mídia. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 13, p. 1-7, 2011.

BORTOLETTI, Mariana. O que é o Teste de Bechdel e porque apenas ele não é o suficiente. 2022. Disponível em: <http://marianabortoletti.com.br/blog/teste-de-bechdel/>. Acesso em: 05 set. 2022.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. Explosão feminista. Arte, cultura, política e universidade. São Paulo. Companhia das Letras, 2018.

CARVALHO, Nelly de. Publicidade: a linguagem da sedução. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

CASTRO LIMEIRA, Mariana; FARIAS, Amália Costa. Ciberativismo feminista no Brasil: A transformação da aceitação dos corpos femininos diversos no Instagram. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 7, n. 5, p. 621-634, 2021.

CENDON, Beatriz Valadares. A Internet. Minas Gerais: Researchgate, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259082844_A_INTERNET. Acesso em: 24 ago. 2022.

CIPRIANI, Juliana. Para deputada, fim de curtidas no Instagram agrada 'gorda feminista peluda'. 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/07/18/interna_politica,771919/agradar-gorda-feminista-peluda-diz-deputada-de-fim-das-curtidas-n.shtml. Acesso em: 03 out. 2022.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. Revista Gênero, v. 5, n. 2, 2005.

CRESWELL, John Ward. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016. 262 p.

DICIO. Feminismo. Disponível em:

[https://www.dicio.com.br/feminismo/#:~:text=Significado%20de%20Feminismo&text=Movimento%20que%20combate%20a%20desigualdade,\(origem%20da%20palavra%20feminismo\)](https://www.dicio.com.br/feminismo/#:~:text=Significado%20de%20Feminismo&text=Movimento%20que%20combate%20a%20desigualdade,(origem%20da%20palavra%20feminismo)). Acesso em: 26 jun. 2022.

ESTEFÂNIA MARIA DE QUEIROZ BARBOSA. Políticas contra a discriminação de gênero. A&C – Revista de Direito Administrativo & Constitucional, Belo Horizonte, v. 11, n. 46, p. 1-21, 11 mar 2003. Trimestral. Disponível em:

<http://www.revistaaec.com/index.php/revistaaec/index>. Acesso em: 09 jun. 2022.

EU SEI TUDO. Rio de Janeiro: Americana, 1917-1957. Mensal. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=164380&pagfis=70>. Acesso em: 27 jul. 2022.

FANTÁSTICO. Duda Reis diz que foi estuprada por Nego do Borel. Disponível em:

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/01/18/duda-reis-diz-que-foi-estuprada-por-nego-do-borel.ghtml>. Acesso em: 30 ago. 2022.

FELINTO, Erick. Sem mapas para esses territórios: a cibercultura como campo do conhecimento. INTERCOM, 30.; 2007, Santos, SP, 2007. p.1-14.

FEMINISTAS, Arquivos. Quem somos. Disponível em:

<https://www.arquivosfeministas.com.br/quem-somos>. Acesso em: 12 ago. 2022.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade. São Paulo, Martins Fontes, 2017.

INSTAGRAM, about. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br> Acesso em 07. ago. 2022.

KEMP, Simon (org.). 2022 July Global Statshot Report. S.I: Datareportal, 2022. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-july-global-statshot>. Acesso em: 05 ago. 2022.

KRUG, E.G. et al. World Report on Violence and Health, World Health Organization, 2002.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Ed. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MEDEIROS, Maria Elisa Reinaldo de. #NãoTiraOBatomVermelho: como o vlog JoutJout Prazer contribui para a propagação do feminismo nas redes sociais da internet. 2015. 62 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MINAYO, M, C, S; Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. 2008. Disponível em:

http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_mulher/capacitacao_rede%20modulo_2/205631-conceitos_teorias_tipologias_violencia.pdf Acesso em 18 Ago. 2022.

MONTARDO, Sandra Portella; PRODANOV, Laura Schemes. Filtros embelezadores no Instagram Stories: pistas iniciais sobre a plataformização da beleza. Dossiê Corpos, Performances e Autenticidade na Cultura Digital e Visual, Rio de Janeiro, v. 28, n. 02, p. 259-274, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/60900>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MONTEIRO, Silvana Drummond. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. Datagrama Zero: Revista de Ciência da Informação, v. 8, n. 3, p. 1-18, 2007. Disponível em: https://brapci.inf.br/repositorio/2010/01/pdf_31a590c998_0007547.pdf Acesso em 02 ago. 2022.

MORAIS, Yasmin. Vulvanegra. 2022. Instagram: vulvanegra. Disponível em: <https://www.instagram.com/vulvanegra/>. Acesso em 17. ago. 2022.

NAVARRO-SWAIN, T. Feminismo e recortes do tempo presente. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, Fundação Seade, v. 15, n.3, p. 67-81, 2001.

NIC.BR. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. (2022). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: pesquisa TIC Domicílios, ano 2021: Tabelas. Disponível em: <https://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2021/individuos/#tabelas>. Acesso em: 05 ago. 2022.

NUÑEZ, Geni. Genipapos. 2022. Instagram: genipapos. Disponível em: <https://www.instagram.com/genipapos/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

OPINION BOX: Pesquisa Instagram no Brasil - Janeiro/2022. Disponível em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms%2Ffiles%2F7540%2F1645012906Infogrifico_Instagram_2022.pdf Acesso em: 05 ago. 2022.

PALCZEWSKI, Catherine H. Arquivo de Postais. Universidade do Norte de Iowa. Cedar Falls, IA.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP), 10, Monterrey, Nuevo León, México, 2019. Anais [...]. s. l.: ALACIP; Asociación Mexicana de Ciencias Políticas A.C. (AMECIP); Tecnológico de Monterrey, 2019. Disponível em: <https://alacip.org/cong19/25-perez-19.pdf>. Acesso em: 03 out. 2022.

RAMBOW, Janaine; PINTO, Dayana. Arquivos Feministas. 2022. Instagram: arquivosfeministas. Disponível em: <https://www.instagram.com/arquivosfeministas/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

RAMBOW, Janaine; PINTO, Dayana. Quem somos. 2022. Instagram: arquivosfeministas. Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17908684726683747/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

RAMOS, Penha Élide Ghiotto Tuão; MARTINS, Analice de Oliveira. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 117-133, jun. 2018.

ROSA, Dorian Ozólio Alves; RAMOS, Renata Cristina de Souza; GOMES, Talita Munick Vieira; MELO, Elza Machado de; MELO, Victor Hugo. Violência provocada pelo parceiro íntimo entre usuárias da Atenção Primária à Saúde: prevalência e fatores associados. *Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, p. 67-80, dez. 2018. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/sdeb/a/S6ft8GsckBZmQPPx3XKVNGL/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 set. 2022.

ROSSI, Carolina Silva. O papel da identidade visual e do design na comunicação com empregados. In: *COMUNICAÇÃO COM LÍDERES E EMPREGADOS*. São Paulo, p. 132-135, 2015. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/07/25-Carolina-Silva-Rossi.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SANTOS, Amanda; SANCHOTENE, Nicole; VAZ, Paulo. A INVENÇÃO DO RELACIONAMENTO ABUSIVO: sofrimento e sentido nas relações amorosas ontem e hoje. *Líbero*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 123-135, dez. 2019. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1072>. Acesso em: 26 ago. 2022.

SANTOS, Edméa. *Escrevivências ciberfeministas e ciberdocentes: narrativas de uma mulher durante a pandemia Covid-19*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 192p.

SARDINHA, Lynnmarie; MAHEU-GIROUX, Mathieu; STÖCKL, Heidi; MEYER, Sarah Rachel; GARCÍA-MORENO, Claudia. Global, regional, and national prevalence estimates of physical or sexual, or both, intimate partner violence against women in 2018. *The Lancet*, [S.L.], v. 399, n. 10327, p. 803-813, 26 fev. 2022. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736\(21\)02664-7](http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736(21)02664-7). Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)02664-7/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)02664-7/fulltext). Acesso em: 15 jun. 2022.

SARTI, Cynthia Andersen. O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido. In: *XXI CONGRESSO INTERNACIONAL DA LASA (LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION)*, 1., 1998, Chicago, Illinois. Resistência e transformação durante a ditadura militar no Brasil. Chicago: The Palmer House Hilton Hotel, 1998. p. 1-12.

SERRES, Michel. *Polegarzinha*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 96 p.

SINDICAL, Abridor de Latas Comunicação. Frases que ainda ouvimos por aí #23– “Jamais estupraria você, porque você não merece”. 2018. Disponível em: <https://abridordelatas.com.br/jamais-estupraria-voce-porque-voce-nao-merece/>. Acesso em: 01 set. 2022.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. *FEMINISMO RADICAL: pensamento e movimento*. *Revista Textura, Cruz das Almas - Bahia*, v. 3, n. 1, p. 24-34, jun. 2008. Disponível em: <https://textura.emnuvens.com.br/textura/article/view/251/225>. Acesso em: 28 set. 2022.